



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)**

**O DEUS ESCONDIDO NA FACE DO POBRE
REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DA ATUAÇÃO DA FRATERNIDADE “O
CAMINHO”**

GIANLUCA PULS

Foz do Iguaçu
2025

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)**

O DEUS ESCONDIDO NA FACE DO POBRE
REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DA ATUAÇÃO DA FRATERNIDADE “O CAMINHO”

GIANLUCA PULS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Prof. Dr. Marcos de Jesus

Foz do Iguaçu
2025

GIANLUCA PULS

O DEUS ESCONDIDO NA FACE DO POBRE

REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DA ATUAÇÃO DA FRATERNIDADE “O CAMINHO”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Drº Marcos de Jesus
UNILA

Prof. Drª Angela Maria de Souza
UNILA

Prof. Drº Rodrigo Juan Villagra Carron
UNILA

Prof. Drº Waldemir Rosa
UNILA

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - CENTRAL

P982d

Puls, Gianluca.

O Deus escondido na face do pobre: reflexões sobre o impacto da atuação da fraternidade "O Caminho" / Gianluca Puls. - Foz do Iguaçu, 2025.
87 fls.: il.

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Práticas e Saberes, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latinos - Americanos.

Orientador: Marcos de Jesus Oliveira.

1. Religião e problemas sociais. 2. Pentecostalismo. 3. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 4. Reconhecimento (Filosofia). I. Oliveira, Marcos de Jesus. II. Título.

CDU 2:316

Dedico este trabalho a todas e todos os
Filhos Prediletos

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a pai Xangô, mãe Oyá e todos os Orixás por me ajudarem a estar a cada dia me dedicando ao meu propósito de ser pesquisador. Em especial para mãe Oyá, que me orientou a perseverar nesse caminho, mesmo que tudo ao redor pareça conspirar contra. Agradeço também a Pai Joaquim d' Angola e Dona Maria Padilha da 7 Encruzilhadas, que estão constantemente me zelando e orientando de outras formas.

Agradeço a Fraternidade “O Caminho”, por mais uma vez colaborar com a pesquisa que venho realizando desde a graduação. A todas as religiosas e voluntárias que estiveram juntas nesse processo de reflexão. Agradeço principalmente aos Filhos Prediletos, é para este público que essa pesquisa foi desenvolvida.

Agradeço também a Universidade Federal da Integração Latino Americana, que cada vez mais o projeto de integração se torna realidade. Agradeço ao meu orientador, professor Drº Marcos de Jesus Oliveira, por ter me acolhido e acreditado em meu potencial. Quero agradecer de forma especial a minha família, mãe Hortência, meu irmão Frederico e a minha companheira Sara por serem o meu chão e o meu sustento. Por fim, quero agradecer as amigadas que tenho, principalmente aquelas que fiz no decorrer deste mestrado, mas em especial a Lays, nos apoiamos para finalizar este ciclo e também quero agradecer a Gabriel Butzen, que foi meu co-orientador informal, mas decisivo nessa pesquisa.

*Senhor, dai o pão a quem tem fome.
E fome de justiça para quem tem o pão.*
Oração para o alimento

RESUMO

No presente trabalho pretendo realizar uma revisão sobre os estudos da religião dentro das ciências sociais partindo para uma reflexão sobre o trabalho de caridade da instituição religiosa, a Fraternidade “O Caminho”, a história dela dentro da cidade de Foz do Iguaçu e os possíveis impactos na vida de seus donatários. Trata-se de uma etnografia ao redor de observações participantes, entrevistas e conversas com freis e freiras da organização, voluntários e donatários dos trabalhos de caridade em si. Entre os objetivos, a pesquisa procura identificar a ordem e a dinâmica em que a Fraternidade está inserida no corpo hierárquico da Igreja Católica e ver como a instituição está alinhada a uma lógica dos movimentos carismáticos; contextualizar a Fraternidade no município de Foz do Iguaçu e identificar os perfis do público atendido pela instituição; refletir as expectativas dos doadores partindo dos conceitos de “Ethos” e “visão de mundo” do Clifford Geertz; e, por fim, pensar sobre possíveis impactos das ações da Fraternidade a partir da perspectiva dos donatários com a teoria do enquadramento e vida precária da Judith Butler, para poder refletir as condições de reconhecimento que esse público possui.

Palavras-chave: Religião, Filhos Prediletos, Reconhecimento, Carismático, interdisciplinaridade.

RESUMEN

En este trabajo pretendo realizar una revisión sobre los estudios de la religión dentro de las ciencias sociales, para posteriormente realizar una reflexión sobre el trabajo de caridad de la institución religiosa Fraternidad “O Caminho”, su historia dentro de la ciudad de Foz de Iguazú y los posibles impactos de la misma en la vida de sus donatarios. Se trata de una etnografía realizada sobre observaciones participantes, entrevistas y conversaciones con frailes y monjas, voluntarios y donatarios de los trabajos de caridad en sí. Entre sus objetivos, la investigación busca identificar el orden y la dinámica en los que la Fraternidad se incluye en el cuerpo jerárquico de la iglesia católica y ver como la misma se relaciona con la lógica de los movimientos carismáticos; contextualizar la Fraternidad en el municipio de Foz de Iguazú e identificar los perfiles del público atendido por la institución; reflexionar sobre las expectativas de los donadores partiendo de los conceptos de “Ethos” y “visión de mundo” de Clifford Geertz; e, finalmente, pensar sobre los posibles impactos de las acciones de la Fraternidad a partir de las perspectivas de sus donatarios, partiendo de la teoría del encuadramiento y la vida precaria de Judith Butler, para poder pensar las condiciones de reconocimiento que este mismo público posee.

Palabras clave: Religión, Hijos predilectos, Reconocimiento, Carismático, interdisciplinariedad.

ABSTRACT

This paper aims to make a revision about different studies about religion between social studies and using it to think about the charity work of the religious institution, the “O Caminho” Brotherhood, the development of the brotherhood in the city of Foz do Iguaçu and the possible outcomes of the mentioned charity on the lives of those who receive it. It's an ethnography based on participating observations, interviews and conversations with brothers and sisters inside of the institution, volunteers and receivers of the charity work. This research aims to identify the order and dynamic of the brotherhood inside of the hierarchy of the Catholic Church and the connections it has with different charismatic movements; to think about the volunteers' expectations about the different activities realized using Clifford Geertz's “Ethos” and “Sense of the World” as a base; and, finally, aspires to think about the impact that the actions of the Brotherhood may have using the theory of framing and Precarious life elaborated by Judith Butler with the intention of helping the discussion about the recognition conditions of the people on the receiving end of the charity work.

Key words: Favourite Sons, Recognition, Charismatic movement, interdisciplinarity

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O TEMA DA RELIGIÃO	15
2.1 DO CONTEXTO SOCIOLÓGICO	15
2.2 DO CONTEXTO ANTROPOLÓGICO	24
2.3 ALGUMAS REFLEXÕES	29
3 FUNDAÇÃO E CARISMA	32
3.1 O GRITO DE DEUS	32
3.2 JESUS TODO E TODO DE JESUS	35
3.3 O CAMINHO DOS POBRES DE JESUS	38
3.4 O SOPRO DE DEUS	42
4 SANTO ANJOS	48
4.1 O ALMOÇO	48
4.2 RELATO DA IRMÃ SUPERIORA	55
5 OUTRAS OVELHAS QUE NÃO SÃO DESTE APRISCO	65
5.1 DOS DOADORES	65
5.2 DOS DONATÁRIOS	75
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	85

1 INTRODUÇÃO

O trabalho que proponho apresentar é fruto da continuidade das pesquisas que realizei durante a graduação em Antropologia na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em especial em relação ao meu Trabalho de Conclusão de Curso. A minha relação com a comunidade religiosa é prévia a estas produções, tendo o seu início no começo da minha graduação, no ano de 2015. Conheci os franciscanos da Fraternidade “O Caminho” pelos seus trabalhos de caridade, principalmente o serviço do almoço oferecido para a comunidade, que ajudou na minha permanência e a de muitos outros estudantes no começo da vida em Foz do Iguaçu. Mesmo eu vindo de um berço umbandista e hoje em dia frequentando o Ilé Alaketu Ijoba Bayo Ase Baru Orobolape, comandado pela Yalorixá Edna de Baru, na qualidade de filho da casa, nutro um respeito e afeto para com esta instituição católica. No entanto, buscarei que estes sentimentos não tendenciem o meu julgamento nesta produção científica.

A Fraternidade O Caminho trata-se de uma instituição religiosa de caráter missionário, fundada no dia 23 de Outubro do ano de 2001, na periferia da Zona Sul de São Paulo pelo Padre Gilson Sobreiro de forma conjunta com a Irmã Serva das Chagas Ocultas do Crucificado. Não há um número exato de seguidores da instituição, porém, em suas principais redes sociais (*Instagram*¹ e canal de *YouTube*²) existe uma média de 70 mil seguidores. A organização se encontra presente em 14 países³, majoritariamente latino-americanos. A minha pesquisa se restringe à atuação de apenas uma das três casas presentes na cidade de Foz do Iguaçu: a *Fraternita*⁴ *Santos Anjos* (na região centro). Durante a pesquisa de campo no ano de 2019 para o TCC, a Fraternidade possuía apenas uma casa, o que significa que em aproximadamente quatro anos triplicaram as suas áreas de atuação, com os Freis numa região mais próxima a zona Norte e à Ponte da Amizade e as Freiras na região centro e sul da cidade.

O foco da pesquisa do meu TCC estava direcionado para o processo da *dádiva*⁵, partindo da perspectiva dos receptores dos diferentes trabalhos de caridade e, neste processo do fazer etnográfico, uma das entrevistadas comentou que “nunca falte

¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/fraternidadeocaminho/>. Acesso em: 15 de Set de 2024.

² Disponível em https://www.youtube.com/channel/UCpqbThdja4LG0SMIdR_tLKQ. Acesso em: 15 de Set de 2024

³ Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, El Salvador, Guatemala, Moçambique, Estados Unidos, Nicarágua, França, Paraguai, Costa Rica e Portugal.

⁴ Termo utilizado pela organização para designar as casas onde residem os religiosos.

⁵ Conceito elaborado pelo antropólogo Marcel Mauss, no qual buscava entender as relações da *troca de presentes* em diferentes culturas e com uma tese que sustentava que este processo se baseia em três pilares: *dar, receber e retribuir*.

aos Freis, para que nunca falte para a gente”, o que me fez refletir os serviços oferecidos pela instituição na vida prática dos seus donatários. Sendo uma instituição já presente no cotidiano dessas pessoas e se expandindo cada vez mais com novos núcleos, a Fraternidade se mostra como um ponto de interesse para entender certas dinâmicas sociais da cidade e levanta outros questionamentos que nortearam esta pesquisa: “quais são as expectativas dos doadores para com os trabalhos ofertados?” e “quais possíveis impactos dessas ações da Fraternidade a partir da perspectiva dos donatários?”. Para responder essas questões, farei uma etnografia, que segundo a antropóloga Mariza Peirano (2014) em seu artigo “*Etnografia não é método*”, se trata de um processo que não pode se basear unicamente no empirismo do antropólogo, separando este das produções teóricas, mas sim um caminho que acaba gerando uma “bricolagem intelectual” (PEIRANO, 2014). Seguindo a ideia da autora, uma boa etnografia é aquela que vivencia o campo, um bom diálogo dos dados com as teorias e uma escrita responsável que conecte os pontos de forma feliz.

Ainda tratando sobre a etnografia, farei uso das reflexões do Edward Said sobre a crise da representação na antropologia no seu ensaio “*A representação do colonizado: os interlocutores da antropologia*” (2003), no qual o autor elabora sobre o papel e atuação da antropologia nas políticas imperialistas, na representação dos interlocutores nas pesquisas etnográficas e a circulação dessas produções na mídia hegemônica. Então a preocupação do meu fazer etnográfico está na produção de representações dos interlocutores, em especial para os donatários dos trabalhos de caridade oferecidos pela Fraternidade ou os Filhos Prediletos, termo que a instituição elencou para se referenciar a este público. Foz do Iguaçu é uma cidade que por diversas vezes tentou executar ações de afastar pessoas em situação de rua e das comunidades periféricas do centro da cidade e dos corredores turísticos. Então, dependendo da representação etnográfica e da dimensão que esta produção possa alcançar fora dos espaços acadêmicos, pode se tornar até prejudicial a essas populações, agravando determinadas ações contra esses mesmos grupos. O pesquisador Edward Said define o termo interlocutor da seguinte maneira.

O que estou tentando dizer é que esse tipo de interlocutor depurado e desinfetado é uma criação de laboratório, cujas conexões com a situação urgente de crise e conflito - graças às quais lhe deram atenção - foram eliminadas e, portanto, falsificadas. Foi somente quando fizeram bastante barulho que figuras subalternas tais como as mulheres, os orientais, os negros e outros “nativos” receberam atenção e, por assim dizer, foram convidados a entrar. Antes disso, eram mais ou menos ignorados, como os criados nos romances ingleses do século XIX, que

estavam presentes, mas não passavam de uma peça útil do cenário. Para convertê-los em tópico de discussão ou campos de pesquisa é necessário transformá-los em algo fundamental e constitutivamente diferente.(SAID, 2003, p. 119)

Entendo que segundo este trecho, que os interlocutores são também produtores de teorias e intelectuais de seu meio. Outro ponto que pretendo nessa produção etnográfica, é ter uma escrita acessível aos interlocutores e para aqueles que não estão dentro de uma linguagem acadêmica, os possibilitando também de tecer críticas, além dos meus pares. Pontuada a questão sobre a etnografia, o método adotado até o presente momento da pesquisa, é a qualitativa, tendo como coleta de dados modelos de entrevistas semiestruturadas e a observação participante. Segundo as sociólogas Sílvia Jurema Quaresma e Valdete Boni, a entrevista semiestruturada tem as seguintes características:

onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras (QUARESMA, 2005, p. 75)

As entrevistas semiestruturadas (apesar de existir uma estrutura de perguntas em forma de temas pensadas de forma prévia) tem uma execução muito parecida com uma conversa informal, dando espaço para o interlocutor desenvolver as temáticas e o entrevistador podendo em um momento oportuno fazer perguntas diretas adicionais, tentando explorar pontos deixados na fala do interlocutor. Sobre a observação participante o historiador Wander de Lara Proença, trata desde uma perspectiva para com a religião. Segundo o autor, além da participação dos ritos de forma ativa, é a conexão com os interlocutores, a interação com o universo simbólico da religião estudada e como estas impactam na subjetividade dos seus praticantes. Com essas perspectivas, reflito também que o pesquisador quando estuda um rito ou um universo simbólico, não deve se procurar a veracidade ou factualidade daquilo que está sendo exercido, como por exemplo, o exorcismo de um padre ou a bênção de um preto velho, as explicações desses processos, fica estritamente ao sacerdote ou a liderança religiosa presente. O pesquisador irá procurar entender como esses elementos simbólicos que permeiam o rito e todo o ambiente religioso, afetam na vida pessoal dos seus praticantes. No atual momento da pesquisa, procuro situar a Fraternidade dentro da dinâmica institucional da igreja católica principalmente quais baseiam suas atuações no âmbito social e de evangelização.

2. O TEMA DA RELIGIÃO

O presente capítulo pretende realizar uma breve revisão de como a Antropologia e a Sociologia abordam o tema religião, partindo dos autores clássicos. Não é a minha intenção realizar um estudo histórico do pensamento destas áreas sobre a religião, já que existem produções extensas e detalhadas sobre esse tópico e ele por si só já poderia compor uma dissertação completa, mas pretendo localizar as discussões sobre religião nestas ciências. Sendo assim, o intuito é proporcionar uma perspectiva de diálogo interdisciplinar entre diferentes áreas, destacando a importância e as contribuições que esta dinâmica traz para uma investigação como a que apresento neste trabalho.

Estruturalmente, pretendo dividir a primeira seção deste trabalho em três tópicos: no primeiro, irei apresentar as perspectivas sobre estudo de religião de três grandes autores clássicos (Auguste Comte, Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim), trazendo desta maneira uma reflexão voltada para o estudo sociológico do tema; no segundo tópico, a intenção é continuar a discussão de religião desde uma perspectiva antropológica, trazendo como referência principal os trabalhos do Luiz Gonzaga de Mello, este autor apresenta a discussão da religião a partir dos clássicos da antropologia da escola de pensamento evolucionista (Edward Burnett Tylor, James George Frazer e Lewis Henry Morgan). O terceiro será uma reflexão final sobre a contribuição de ambas as ciências para com o tema da religião e o diálogo entre ambas as ciências com as demais áreas das humanidades.

2.1 DO CONTEXTO SOCIOLÓGICO.

Este tópico pretende apresentar diferentes autores que são considerados bases da teoria sociológica clássica, sejam eles sociólogos em si ou teóricos vindos de outras disciplinas que tornam-se fundamentais dentro da sociologia. Como já mencionado, não é a minha intenção realizar um estudo histórico detalhado de diferentes teorias e escolas sociológicas em relação a teorias da religião, mas sim discutir o conceito visitando perspectivas diversas. Dito isso, considero importante mesmo assim dar pelo menos uma noção básica do contexto no qual os autores compõem as teorias deles, a fins de tentar compreender melhor certos porquês dentro de diferentes correntes, tentando achar linhas que se conectam dentro da discussão de uma noção tão

multifacetada quanto o estudo de religião. Então irei compreender a sociologia que este teórico propõe e aí pensar sua perspectiva em relação a religião.

A princípio começarei com o teórico Auguste Comte, filósofo e idealizador da corrente positivista, também sendo considerado como um dos pais fundadores da sociologia. Irei me basear em algumas das reflexões apresentadas no livro “*Curso de filosofia positiva*” (1830) publicado entre os anos de 1830 e 1840, onde o autor estabelece algumas das bases da escola positivista de pensamento, tentando aplicá-la a questões sociais. A escola positivista ou o positivismo é uma corrente de pensamento na qual se entende que a única forma de explicar o mundo é por meio do pensamento científico, especialmente dentro da lógica do que chamamos de *método científico*, com passos específicos. Comte reflete sobre a possibilidade de aplicar as formas positivistas aos estudos sociais, que no começo do séc. XIX estavam principalmente sob a tutela dos filósofos, inspirado principalmente pelo estudo de ciências da natureza. Seguindo esta linha, o autor chega à conclusão de que para ter um estudo científico dos fenômenos sociais se faz necessário ter fundamentalmente a) uma metodologia clara e b) coleta de dados, sendo que estes devem ser verídicos e decodificados de forma correta, coisa que ele também chama de *física social*.

Comte traz também um conceito que ele chama de *três etapas do desenvolvimento do espírito humano* e é neste ponto que as reflexões dele começam a conectar-se, ao meu ver, com um estudo da religião. O autor coloca que toda sociedade passa por três grandes momentos ou etapas: uma etapa teológica (onde os fenômenos naturais e sociais são explicados a partir do divino), uma etapa metafísica (onde procura-se uma explicação filosófica e lógica desses mesmos fenômenos a partir de sua natureza) e uma etapa positiva (onde a ciência toma o lugar de explicar o porquê de diferentes fenômenos a partir de um método e dados que possam ser observáveis e verificáveis). Acredito que seja importante mencionar aqui o motivo de trazer estas reflexões do Comte, considerando que trata-se de um autor de dois séculos atrás: por um lado, é ele quem em grande parte irá influenciar as bases de pensamento dos primeiros teóricos sociais, seguindo a corrente iluminista que se fortalecia dentro da Europa desde o século XVII; por outro, a conceito dos três estados é também a semente da *teoria da secularização*, a noção de que socialmente a Igreja como instituição já não dá a explicação fundamental de diferentes fenômenos naturais e sociais, em que a sociedade passa por um processo de racionalização. Pode observar-se então que certas discussões

e dilemas que serão recorrentes dentro do estudo das religiões dentro das ciências sociais tem uma origem, por assim chamá-la, neste contexto histórico.

Continuando no mesmo contexto histórico, outro autor que trago para avançar na discussão é o Karl Marx, mais especificamente na introdução da “*Crítica da filosofia do Direito de Hegel*”(2005), texto publicado originalmente em 1843, se bem o restante do livro foi compilado e publicado de forma póstuma. Marx é um teórico interessante já que, se bem vêm de estudos e correntes principalmente filosóficas, apresenta ferramentas e discussões de diversas áreas dentro dos seus estudos, como economia, história e sociologia. Trata-se de um teórico que reflete sobre questões sociais relacionadas principalmente ao conflito de classes e ao estudo do Capital dentro do contexto social e é considerado um dos pais da sociologia, já que de certa forma ele teoriza sobre a modernidade dentro dos seus escritos, elucubrando sobre as relações sociais consideradas *ocultas*. Por este motivo, é um teórico citado numa grande quantidade de estudos de estas e outras áreas e possui uma série de discussões complexas e extremamente ricas e, se bem não é um teórico da religião, há uma reflexão no texto mencionado (colocada muitas vezes como um pensamento do “jovem Marx”) que traz alguns argumentos essenciais para a minha elucubração. Segundo o Marx

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem *faz a religião*, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o *homem* não é um ser abstrato, acororado fora do mundo. O homem é o *mundo do homem*, o Estado, a sociedade. Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma *consciência invertida do mundo*, porque eles são um *mundo invertido*. [...] Ela [a religião] é a *realização fantástica* da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião.

A miséria *religiosa* constitui ao mesmo tempo a *expressão* da miséria real e o *protesto* contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o *ópio* do povo. (MARX, 2010, p. 145)

Esta citação é bastante conhecida, já que o trecho final dela é lembrado muitas vezes como uma “frase célebre” do autor. Porém, trazendo a ideia de que “a religião é o ópio do povo” (sem considerar o contexto anterior da mesma) a reflexão perde grande parte do seu significado, podendo ser utilizada de forma equivocada ou até mal intencionada. Dentro deste trecho, Marx realiza na verdade uma *crítica da crítica* da religião: tendo observado muitos teóricos que desejavam se desligar da influência da Igreja ou do pensamento religioso em prol de discussões com um viés irreligioso, o autor

traz a noção de que a religião pode funcionar como um espelho social. Desta maneira, os problemas dentro da religião, *a miséria religiosa*, nada mais é do que a miséria humana. Se é o homem que faz a religião e não vice-versa, são os problemas dos homens que se manifestam no âmbito religioso. No comportamento religioso de uma sociedade, no funcionamento das instituições e na forma na qual a religião é vivida dentro dela é onde se enxergam as carências e necessidades intrínsecas da mesma. Sendo assim, Marx aponta para os filósofos de sua época, sobre a necessidade de tecer críticas aos problemas de uma ordem material e não necessariamente metafísica, para conflitos das classes sociais. No quarto capítulo desta dissertação irei abordar melhor essa discussão do Marx para ajudar na reflexão sobre o contexto de ação e ideológico da Fraternidade “O Caminho”.

Tendo comentado estes dois primeiros autores, irei prosseguir para refletir sobre o Durkheim. Émile Durkheim é considerado o grande pai da sociologia moderna, pois é o primeiro em ministrar uma cátedra nesta disciplina, mesmo tendo se formado dentro da filosofia. O autor estabelece as bases pelas quais a sociologia começa a se concretizar com um método científico, continuando de alguma maneira nas bases estabelecidas pelo pensamento de Comte. Além das influências do positivismo dentro da sua teoria, Durkheim também acompanhou a corrente dos contratualistas da época, autores dentro do pensamento iluminista como Jean-Jacques Rousseau e o Charles de Montesquieu. Uma das principais obras deste autor é a sua tese, intitulada “*Da divisão social do trabalho*”(2010) onde se debruça num estudo social das relações entre indivíduos em diferentes contextos. De forma muito simplificada, Durkheim irá refletir que sociedades onde há menos divisões do trabalho (onde existe uma noção mais forte de *senso comum* do atuar social que se manifesta de alguma maneira em uma espécie de *homogeneidade* ou *coesão social*) são sociedades mais simples, enquanto que sociedades mais modernizadas mostram outro nível de complexidade apresentando uma variedade maior de divisão de trabalho (tornando-as mais heterogêneas e interdependentes entre os grupos sociais). Dentro do que ele delimita como sociedades simples, as relações sociais acontecem dentro de um processo chamado *solidariedade mecânica*, mais ligada à tradição e punições diretas, enquanto que nas sociedades modernas opera uma *solidariedade orgânica*, onde prevalecem as leis, as relações burocráticas, as leis e os contratos. É interessante mencionar que Durkheim traz uma noção própria dos estudos de ciências da natureza ao refletir sobre a solidariedade

orgânica, com um paralelo entre o conjunto social como um corpo, onde cada indivíduo funciona como uma pequena parte do mesmo, como um conjunto de células.

É interessante notar como a ideia de *trabalho* é, então, uma noção que se encontra de forma muito presente dentro da teoria sociológica desde os seus primórdios. Para Marx, a divisão de trabalho acontecia entre camadas sociais, tendo o capital burguês por um lado e a mão de obra proletária do outro. Por outro lado, para Durkheim a divisão social do trabalho é um demarcador de *complexidade social*: quanto mais diversa uma sociedade é neste quesito, mais complexa ela se torna. O trabalho passa a ter uma *funcionalidade* social fundamental e é aqui que irei trazer mais dois conceitos importantes para esta pesquisa: a ideia de *funcionalismo* e de *fato social*, que estão melhor aprofundadas no livro “*As Regras do Método Sociológico*” (2007). O funcionalismo segue a ideia já mencionada de uma sociedade como um *corpo* no sentido biológico da palavra, dentro do qual o *todo* explica e define as partes. Dito de outra forma, segundo Durkheim é possível estudar uma sociedade começando pelos traços sociais mais gerais, tomando eles como normas que explicam e definem o comportamento de grupos menores e dos indivíduos. Por decorrência, cada grupo social tem uma função *organológica* dentro da sociedade, os diferentes comportamentos, papéis e trabalhos dos coletivos criam uma rede *interdependente* de comportamento social.

Já o fato social é um conceito relacionado com o funcionalismo, mas que se constrói principalmente como um elemento estatístico: ele deve ser verificável e quantificável, seguindo a linha de pensamento típica dentro do positivismo. Para construir-se como fato social, é necessário que certos comportamentos ou ações sejam: a) *gerais*, quer dizer, que sejam um acordo social coletivo, tendo uma certa noção de legitimidade social, b) *externos*, já que são noções de comportamento produzidas pela sociedade que são aprendidas pelo indivíduo e não uma noção intrínseca do ser ou uma criação individual e c) *coercitivos*, já que diferentes fatos social determinam e conduzem (dentro do pensamento do autor) o atuar dos indivíduos dentro da sociedade, e o não atuar dentro desses parâmetros pode gerar uma punição. O fato social é uma força que modela nosso comportamento, o atuar, sentir e agir das pessoas. No campo que interessa ao estudo religioso, Durkheim publicou uma obra chamada “*As formas elementares da vida religiosa*”(1996) que tentou explicar a *natureza religiosa do homem*, utilizando as noções de funcionalismo e fato social para tentar entender a religião. Seguindo estas ideias, a religião pode ser pensada como um grande organismo (uma instituição) que habita dentro de um corpo maior (a sociedade). É interessante destacar que este

momento de teoria ligada ao campo de estudos religiosos se dá perto do final da vida do autor, construindo-se como um estudo bastante diferente em relação a trabalhos prévios, denotando novos horizontes dentro da produção de Durkheim, voltado para as representações e o simbólico.

Para tentar estudar esta natureza religiosa do homem, Durkheim dirige a sua atenção para sociedades que ele considera mais simples, isoladas de certa maneira da diversificação própria da modernidade, menos afetadas pelo passar do tempo. Então Durkheim se voltou para aquela religião considerada mais intocada pelo tempo, o totemismo australiano. O autor não está preocupado em achar uma possível origem da religião, mas sim tenta encontrar elementos em manifestações religiosas primárias que não é possível achar dentro de um contexto de religião modernizada. De certa maneira, tenta achar uma ideia de *essência, ou as bases fundamentais do pensamento religioso* dentro do grupo estudado. Dentro destas reflexões, o Durkheim traz a seguinte conclusão

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos. (DURKHEIM, 1996, p. XVI)

Neste trecho, Durkheim traz a noção de que a religião é um fenômeno intrinsecamente social, precisando da vivência coletiva dos indivíduos para poder consolidar-se. O que demarca a existência da religião não é a presença de um ente divino, mas o *culto* que as pessoas prestam a mesma. O pensamento do Marx de certa forma, se aproxima com essa noção de religião de Durkheim, enquanto pensa que a religião é feita pelo homem, o outro completa que a sua produção é intrinsecamente social. Sendo que a religião é um fenômeno social, esta irá reproduzir certos comportamentos e particularidades da comunidade da qual se origina, ao mesmo tempo que determina comportamentos e particularidades *em si mesma*. Dentre as realidades ou demarcadores criados pela religião, vemos duas possibilidades: a realidade *sagrada* e a *profana*. O sagrado se constitui como um conjunto de ritos, preceitos e processos que se encontram dentro de uma unidade comunitária, que é a religião. Dito de outra forma, o sagrado é tudo aquilo que se encaixa dentro da lógica moral da religião. Já o profano é aquilo que se constrói como externo deste conceito, aquilo que está fora das margens demarcadas pela religião. É o que pode ser compreendido como a *esfera cotidiana*. O Conceito de *Sagrado* e *Profano* será trabalhado posteriormente no quarto capítulo, para tratar sobre o que as religiosas da Fraternidade entendem como santidade e também para

refletir sobre o Projeto Aprisco, outra ação da instituição com fins de acolher pessoas homoafetivas.

Na conclusão do seu livro, Durkheim propõe uma teoria sociológica do conhecimento, coloca a religião como uma das primeiras instituições (por estar presente nos primórdios das primeiras sociedades) em começar a demarcar estas classificações e categorias, construindo uma primeira racionalidade e lógica na tentativa de explicar diversos fenômenos, tanto naturais quanto sociais, a partir de chave do sobrenatural. Sendo assim, a religião se coloca como um passo primigenio de inspiração enquanto forma para as outras construções e formulações do conhecimento, sendo base para o próprio pensamento científico. De certa forma, o que o autor propõe é uma superação do pensamento próprio das correntes do *empirismo* e o *racionalismo*, colocando a religião como o princípio da forma de construção do conhecimento, sendo esta um produto social. O conhecimento é então fruto da própria sociedade, diferente das noções de construção *individual* de conhecimento.

Até este momento, tenho apresentado teóricos de uma linha de pensamento sociológico que segue uma linha categoricamente dedutiva, partindo de premissas sociais gerais para tentar entender o comportamento de grupos sociais menores ou dos indivíduos, pelo qual irei proceder a trazer um outro teórico que saia desta linha: Max Weber, que é considerado outro dos fundadores da sociologia clássica. Proveniente do campo da história, foi um teórico alemão que desenvolveu a noção do *método compreensivo*, que buscava entender os significados que os indivíduos atribuíam a suas ações. O indivíduo é o ponto de partida para entender a realidade social proposta pelo pesquisador. O foco colocava-se então no comportamento dos *agentes* sociais individuais antes que os fenômenos grupais ou massivos, num *individualismo metodológico*, pois segundo o autor, seria impossível definir a sociedade a partir de leis gerais que se norteiam em dados objetivos, verificáveis e que tenham previsibilidade. Para Weber a sociedade é extremamente complexa e vasta que limita uma condição para a observação do seu todo. Essa noção de método o afasta da ciências naturais, uma linha que parece seguir um movimento contrário ao pensamento de Durkheim, Weber não pretende perder de vista totalmente o coletivo, mas se interessa em deixar as *ações sociais* de diferentes componentes tomarem um papel mais decisivo nas reflexões para compreender a sociedade.

O método compreensivo e o conceito de *ação social* é descrito dentro da obra *Economia e Sociedade* (2000) e será fundamental para continuar a minha reflexão

sobre a teoria de Weber, pelo que irei me debruçar sobre ele com um pouco mais de detalhe. Dentro do estudo do atuar dos indivíduos ou agentes inseridos no coletivo, uma *ação social* é qualquer tipo de comportamento que pretende desencadear algum tipo de resposta no *outro*, tenta interpelá-lo de alguma maneira. Sendo assim, toda *ação* tem (ou pretende ter) uma *reação*, criando uma sinergia de causa e efeito que acaba levando ao movimento de diferentes comportamentos sociais. Por assim dizer, Weber utiliza o estudo de ações sociais como o fundamento e a unidade analítica da pesquisa para compreender o social e é interessante destacar que o autor as subdivide entre ações *racionais* e ações *irracionais*. A partir daqui tentarei traçar um fio condutor entre o estudo de comportamento social de Weber e seu estudo de religião, irei mencionar agora outra obra conhecida dele, *A ética protestante e o espírito do Capitalismo* (2004) onde o autor realiza uma primeira aproximação à relação entre comportamentos religiosos e sociais.

Para descrever de forma sintetizada a obra mencionada nela, Weber procura compreender a partir de uma pesquisa com viés histórico, de como uma determinada produção da racionalidade dentro de um momento específico da história possibilitou a consolidação do Capitalismo e da sociedade Moderna. No entanto, o autor posteriormente se debruça a estudar as outras religiões consideradas mundiais na obra *“Ética econômica das religiões mundiais”*(2016), onde ele se propõe a compreender como estas religiões influenciam e modelam a dinâmica econômica daquela realidade social. Weber de certa forma escreveu essa obra no intuito também de corroborar com a tese do *“A Ética protestante”*, pois já que estava propondo que uma determinada racionalidade e Ética religiosa ajudou no desenvolvimento do Capitalismo e da Modernidade, como as demais religiões tomam outros rumos econômicos e sociais.

Mas retomando sobre *“A ética protesntante”*, o movimento reformista de Lutero e Calvino, deram um aporte ideológico necessário para a expansão e influência da classe Burguesa, que está emergindo nessa época da Europa. Então, o conjunto de normas que norteiam o comportamento e que é defendido pelos protestantes, teve a afinidade e atendeu as exigências necessárias para o desenvolvimento do capitalismo. Segundo o autor, a igreja protestante trouxe um ponto chave de diferença com o catolicismo, que pregava a necessidade de uma vida pobre, casta e penitente para ganhar a possibilidade da salvação (e que esta tem uma predestinação de quem será) enquanto a igreja vendia indulgencia e ostentava uma enorme riqueza nas construções, nos ritos e no clero. O luteranismo, no entanto, passou a defender que a salvação é incerta por não sabermos que é predestinado para tal, mas há indícios a partir do sucesso

social e financeiro, um discurso de mérito social, no qual a graça podia ser alcançada mediante o êxito social, aproximando a noção de acumulação de bens. Pois um bom cristão será bom pagador, poupará o dinheiro e não esbanja em coisas supérfluas e mundanas. O protestante para Weber é um capitalista por excelência, pois está sempre visando o lucro e acúmulo. Países que são protestante em sua maioria, tiveram um desenvolvimento maior do capitalismo. Sendo assim, a ética protestante se consolidou como um chão fértil para diferentes ideais capitalistas que cresciam significativamente na Europa desse momento. Mas posteriormente essa ética e forma que norteia o comportamento irá descolar da religião, se tomando o *modus operandi* do novo sistema econômico das sociedades modernas. Então protestantismo e capitalismo se separam, a ética de poupar, lucrar e ter sucesso, que deveria ser o meio para se chegar a salvação, na sociedade capitalista moderna se torna um fim ideal para a vida. A tese da “Ética Protestante irá retornar no segundo capítulo, para refletir um pouco do movimento carismático católico.

A racionalidade capitalista vai tornando tudo utilitário para esses novos fins, sendo assim desmistificando a religião. Para Weber, dentro das sociedades modernas o espaço ocupado pela religião durante gerações no quesito de explicações de ordem natural e filosófica é ocupado cada vez mais pela racionalização, burocratização das relações e a organização social é delimitada pela lógica do sistema econômico. Sendo assim, os grupos sociais não se organizam mais a partir das crenças e dogmas religiosos, mas começam a aplicar uma lógica de ascensão social e funcionamento de capital que substitui diferentes trocas espirituais presentes em diferentes religiões. O capitalismo virou a forma de organização da vida e dos seus sentidos, de todo esse processo já mencionado, para ter corpos disciplinados e eficientes na sua produção, todo esse processo é o enfraquecendo as religiões, ou como Weber irá chamar de *desencantamento do mundo*.

Como já foi mencionado no começo deste capítulo, este primeiro tópico pretende funcionar como um breve comentário dos grandes autores clássicos da sociologia e as conexões dos mesmos com o nascimento dos estudos sociais da religião, já que uma análise mais extensa de outros pesquisadores poderia tornar-se num trabalho de pesquisa independente devido a extensão e diversidade do material a ser analisado. Além dos clássicos mencionados, outros autores da área da sociologia que são interessantes na hora de pesquisar sobre estudos religiosos poderiam ser Georg Simmel (que compartilha muitas ideias com Weber) que pensa a diferença entre religião e

religiosidade no livro *“La Religión”*(2012), ou pensadores mais contemporâneos, como Pierre Bourdieu que elaborou o conceito de campo religioso, no artigo “Gênese e Estrutura do Campo Religioso” presente no livro *“A economia das trocas simbólicas”*(2011). Tendo concluído este primeiro ponto, irei partir para mencionar alguns nomes e teorias importantes dentro do campo da antropologia.

2.2 DO CONTEXTO ANTROPOLÓGICO.

O presente tópico tem como finalidade de refletir as diferentes formas nas quais a antropologia clássica se debruçou na religião, sendo que diferente da sociologia (que tinha como base três grandes autores que contribuíram com a formação desta ciência) a antropologia não se fecha naqueles que são considerados os pais dessa área do conhecimento na sua formação enquanto disciplina. Enquanto uma ciência moderna, a antropologia surgiu um pouco posterior à sociologia, no final do século XIX, com alguns autores denominados “evolucionistas”: o inglês Edward Burnett Tylor, o escocês James George Frazer e o estadunidense Lewis Henry Morgan. A antropologia teve muitas outras correntes e escolas clássicas que ajudaram na sua configuração, não apenas de ordem metodológica, mas também teórica. Essas outras escolas tiveram origem em diversos países com tradições intelectuais específicas, que também atendiam a diferentes interesses políticos, principalmente coloniais e imperialistas. De forma similar ao trecho anterior, bordar todas as escolas e como cada pesquisador tratava o tema da religião deixaria este tópico muito extenso. Sendo assim, voltamos com o intuito deste capítulo, que não é o de fazer uma história detalhada do pensamento antropológico em relação ao tema da religião, mas de certa forma, tentar entender como esse tema estava sendo tratado no começo da disciplina a partir dos clássicos. Então, para fins didáticos escolhi permanecer apenas com evolucionistas, não apenas por ser a primeira escola da antropologia moderna, mas porque muitas categorias e conceitos partiram das obras desses pensadores.

A principal referência que utilizei para ajudar na pesquisa e construção desse tópico foi o livro *“Antropologia Cultural: Iniciação, Teoria e Temas”* (2011) do professor Luiz Gonzaga de Mello. Além de fazer uma introdução a essa área do conhecimento, a obra também apresenta diferentes formas nas quais a Antropologia lidou e tratou com diversos temas: política, parentesco, economia, arte, religião etc. No que

competete ao estudo da religião, o autor tem como principal referência o antropólogo inglês Evans Pritchard, o livro “*Antropologia Social da Religião*” (1978) e uma palestra intitulada “*Theories of Primitive Religion*”, que traz as principais teorias da época sobre o tema. Como já foi dito antes, não pretendo citar todas as teorias e autores, mas vale ressaltar que dentro dessas referências citadas por Mello e Pritchard está presente a “*As formas elementares da vida religiosa*” do sociólogo Durkheim. Apesar de já ter apresentado ela no tópico anterior, acredito ser interessante evidenciar como essa obra não teve impacto apenas na sua disciplina de origem, mas também influenciou de forma significativa o campo da antropologia, como uma das principais referências para a disciplina. No final deste capítulo irei retomar esse detalhe para refletir com mais profundidade a relação da sociologia e da antropologia. Retomando o intuito do tópico, farei algo parecido no que desenvolvi no tópico anterior, irei apresentar antropologia proposta pelo evolucionismo, as teorias desenvolvidas pelos autores e depois a forma de abordagem destes com a religião.

Partindo do princípio, a escola evolucionista da antropologia surgiu no final do século XIX (como mencionando anteriormente) num período que foi impactado pela teoria da evolução biológica de Charles Darwin. Outro pensador que influenciou muito o pensamento das humanidades foi Herbert Spencer com o “Darwinismo social”. O contexto social e histórico em que essas teorias estavam sendo produzidas é o expansionismo colonial, o que causa que as ciências dessa época fossem dedicadas a ter um olhar para fora da Europa, buscando o contato com povos e culturas consideradas *não-ocidentais e não-modernas*. A antropologia, em certa medida, foi a ponta de lança desses propósitos. Agora, as ideias gerais dessa escola de pensamento afirmam que há um *processo evolutivo linear* das sociedades humanas a partir de estágios, no qual dependendo do nível que estiver, essa sociedade pode ser considerada mais selvagem/primitiva (*sociedade simples*) ou mais civilizada (*sociedade complexa*). Obviamente, o modelo de sociedade civilizada que se encontrava no topo da evolução era a Europa. Além do *eurocentrismo* e da *evolução linear*, outra característica é a *universalidade*, pois todas as sociedades passam por esses estágios, o que difere é o ritmo de progressão.

Seguindo para os autores por ordem de idade, o mais velho é Lewis Henry Morgan, um antropólogo estadunidense que teve sua formação no Direito. Por conta dos seus estudos com os indígenas Iroqueses, Morgan acabou se aprofundando sua atenção nas relações familiares e de como elas estruturam a comunidade. Essa

pesquisa está descrita no livro “*Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family*”(1997) será considerada como um dos primeiros estudos de *parentesco*, uma área muito importante e bastante desenvolvida por antropólogos posteriores. A pesquisa produzida por Morgan serviu de referência para a obra de Friedrich Engels “*A origem da família, da propriedade privada e do Estado*” (1974). Não irei me aprofundar nesse assunto, pois o que nos interessa é como Morgan irá construir sua noção evolucionista, pois está de certa forma, vai ser a única reflexão relevante sobre religião, pois o autor não se debruça sobre esse tema. Em seu livro “*A Sociedade Antiga*” (2014), o autor argumenta que a sociedade evolui e se desenvolve em três estágios: *Selvageria, Barbárie e Civilização*. As instituições sociais (família, economia e incluindo a religião) irão ter características mais ou menos simples e complexas a depender em qual estágio essa sociedade estará. Na selvageria a religião estará vinculada às crenças e adorações a fenômenos e elementos naturais. A religião na barbárie começaria a se institucionalizar, desenvolvendo ritos, mitos e a influência da figura do sacerdote. O estágio evolutivo da civilização, é marcada pela abstração teológica e dogmática, tendo uma forte influência em diversas esferas sociais.

O próximo autor é Edward Burnett Tylor, um antropólogo inglês que após uma viagem ao México e ter contato com os povos tradicionais de lá, se dedicou seus estudos a entender os costumes e crenças dos povos não-ocidentais. Após alguns anos e publicações de algumas de suas pesquisas, Tylor publica o que é a sua obra mais importante a “*Primitive Culture*” (2016), onde ele tenta dar definições para o conceito de cultura. O autor definia cultura a partir de ideias iluministas, sendo assim, teria em um sentido de cultivo e lapidação das faculdades mentais. O conceito de raça era algo que Tylor não concordava, para ele todas as pessoas são *homo sapiens*, a diferença evolutiva estava no nível de instrução que a aquela sociedade se encontrava. A noção evolutiva é muito parecida com a de Morgan, seguindo a características de uma evolução linear, universal e que tem os mesmo três estágios. Mas Tylor enfatiza bastante que a evolução está somente no âmbito cultural e na esfera social, que desde o primitivo ao civilizado são humanos de mesmo grau em seu sentido biológico. A cultura é um conjunto de comportamentos, hábitos, crenças e outras referências que podem ser adquiridos no convívio social por qualquer ser humano. Então a cultura é tudo aquilo que não é biológico e da natureza.

O estudo para caracterizar cada estágio evolutivo da cultura, leva o autor a buscar as origens de determinadas instituições, incluindo entre elas a religião. Antes de

falar de sua origem, Tylor tem uma definição curta e sobre religião, que esta é a crença no sobrenatural. Para Mello, esta noção de crença está muito próxima com a ideia de Santo Agostinho, de que a fé é a crença no absurdo. Sendo assim, a “crença é antes de tudo um ato de confiança, de respeito e reconhecimento. A fé ou a crença, em certo sentido, é mais forte do que o conhecimento (doutrinário)” (Mello, 2011, p. 390). Partindo de sua definição, a origem da religião para Tylor é a noção de alma e crença no espírito, segundo Mello, essa ideia é próxima ao pensamento de Herbert Spencer, de que a religião surge a partir na crença nos fantasmas. A crença nos espíritos para Tylor, será sistematizada a partir da ideia de animismo, em que não somente os humanos têm espíritos, mas também os animais, os objetos e os fenômenos naturais, como os raios, trovões e a chuva. A experiência humana em determinados fenômenos dá a base para o animismo e a noção de alma, como diz Mello:

Para ambos (Tylor e Spencer), tais noções teriam nascido da própria consciência humana frente aos fenômenos do sonho, da morte, da vida, das transformações naturais, todo esse conjunto teria despertado os sentidos do sagrado e da outra dimensão da vida (Mello, 2011, p. 390)

Os sonhos, a morte e os fenômenos naturais, segundo Tylor, deram a experiência sensorial necessária para esquematizar a noção de alma, um ser imaterial, que dependendo da ocasião, pode ser visto, sentido e invocado. Com isso o animismo pode ter sido desdobrado no culto aos mortos (reverenciar os ancestrais) e no culto às forças naturais (ter o raio como um ente que tem alma). Então o Animismo para Tylor seria a origem da religião, se encontrando na base da evolução junto das sociedades primitivas, o demais estágios evolutivos da religião seria a *Politeísmo* e por último o *Monoteísmo*. Outro conceito que se envolve com o tema da religião é o da *sobrevivência*, que se consiste em determinados hábitos ou comportamentos que tem sua origem em estágios primários da cultura e que se estendem e sobrevivem até aquilo que é considerado uma sociedade civilizada para Tylor. Então determinadas superstições e simpatias seriam vestígios

James George Frazer é o último dos evolucionistas que irei tratar neste tópico, sendo um antropólogo escocês que se debruçou sobre o tema da religião e a magia, tendo muitas das suas ideias e reflexões sobre sua perspectiva evolucionista a partir do pensamento de Tylor. A obra “*O Ramo de Ouro*” (1982) é o trabalho de vida deste pesquisador, com um escopo enciclopédico tentou de com o método comparativo compreender não somente a religião, mas de como a magia e a ciência tem paralelos

com a noção sobre construção de conhecimento, experimentação e técnica para acessar o saber. A teoria evolutiva da produção do conhecimento em muito se assemelha com a teoria dos três estados de Comte, que se consiste: primeiramente pela *Magia*, onde a humanidade tenta a partir de rituais, feitiços e simpatias, controlar os fenômenos naturais; posteriormente vem a religião que se encarga em mediar as necessidades humanas com as vontades e a ira dos deuses e espíritos; por último a ciência que substitui as fases anteriores como a forma absoluta para explicar e entender a vida natural e seus fenômenos a partir da racionalidade. Segundo Mello, não havia muito de novo na teoria de Frazer, o que realmente era interessante era como:

[...] a magia e a ciência se assemelham e contrapõem à religião. Tanto a magia como a ciência realizam operações técnicas, pois acreditam que o mundo obedece a preceitos ou leis invariáveis; ao passo que a religião acredita, segundo ele, que o mundo vai mais além e está sujeito aos “caprichos dos espíritos”. A diferença básica entre a magia e a ciências é que a primeira é uma técnica enganosa e errada e a segunda, ao contrário, é verdadeira e baseada na experimentação. A religião, por sua vez, exige dos seus cultores uma atitude de medo e temor, de respeito e dedicação. Os seguidores da magia e da ciência, todavia, apresentam uma atitude psicológica de arrogância, de confiança e destemor. (Mello, 2011, p. 397)

Para Mello, as considerações teóricas relevantes de Frazer para com a religião terminam aí. Mas existem outros pontos que Frazer se debruçou, como a questão da *Morte e renascimento do rei divino*, onde basicamente a partir do mito do “rei do bosque” em Nemi, ele elabora a categoria do “*rei-sacerdote*”, como uma figura presente em todas as culturas, que irá intermediar a humanidade com os deuses, mas que pode ser substituída por outro rei mais forte e vigorosa. Frazer também analisa mitos de diversas culturas onde deuses morrem e renascem, para teorizar que a questão cíclica da natureza e que ela se conecta em diversos povos. Além dos mitos, Frazer também tenta pensar sobre os rituais, a partir da categoria da magia e o sacrifício. Sobre a magia ele irá dividi-las em duas: as simpáticas que parte da ideia que o semelhante produz um semelhante, um exemplo é quebrar um ovo no telhado da casa, pois a gema amarela exposta iria atrair um dia ensolarado; as simpatias contagiosas são aquelas que determinados elementos em contato com algo, perpetuam essa conexão, exemplo é colocar o nome de uma pessoa amada dentro de uma maçã regada com mel, assim faria ela se apaixonar. Existem muitos outros pontos tratados sobre religião, que não conseguirei colocar nesse tópico, mas o Ramo de Ouro é uma obra que irá influenciar muitos outros estudos antropológicos dentro dessa temática.

Os evolucionistas deram o pontapé inicial em diversos temas e categorias que são muito caras para a antropologia como um todo, como por exemplo o estudo do parentesco. No entanto as teorias da evolução que são o pilar dessa escola de pensamento, foram duramente criticadas pelos antropólogos posteriores de diversas correntes teóricas. A principal figura crítica foi o antropólogo Franz Boas, que apesar de ser alemão, foi quem fundou a corrente de pensamento do *Culturalismo* estadunidense. Boas era imigrante de família judia que experienciou o racismo na Alemanha, então esse tema foi muito sensível, que fez com que em suas pesquisas tentasse compreender não apenas as diferenças culturais entre os povos. Partindo da noção de diversidade, Boas procurou criticar o universalismo presente no pensamento evolucionista e de que a história das sociedades são linear, para ele cada cultura era um jeito de interpretar o mundo, era necessário entender a suas particularidades. Diferente dos evolucionistas, para Boas existem culturas, não sendo singular e que cada sociedade vai desenvolver seu hábitos culturais a partir de seu próprio contexto. Isso quebra com a ideia de uma evolução cultural linear e por estágios.

Trouxe um pouco da crítica de Franz Boas, para mostrar que a antropologia como qualquer ciência está em disputa, só que o campo científico que ocorre essa disputa é amplo e diversificado para esta área. Por isso que só entender a antropologia clássica a partir dos evolucionistas é muito pouco, mas para a proposta deste tópico teria muitas nuances que não teria o escopo necessário para abarcar. Mas sinto que consegui mostrar um pouco do surgimento da antropologia moderna a partir de seus fundadores, como entendiam a proposta da ciência que faziam, suas colaborações na área, as críticas para superar suas problemáticas e acima de tudo, como eles lidavam com o tema da religião. Para citar outros antropólogos clássicos, como Marcel Mauss e seu "*Esboço de uma Teoria Geral da Magia*" no livro "*Sociologia e Antropologia*"(2017), o Bronislaw Malinowski e seu livro "*Magia, ciência e religião*"(2022). Dos contemporâneos tem o Antropólogo Clifford Geertz que será explanado sua teoria nos capítulos seguintes.

2.3 ALGUMAS REFLEXÕES.

O tópico será breve, aqui pretendo fazer uma reflexão em base de dois pontos que percebi expondo as teorias dos autores clássicos de cada ciência. O primeiro ponto é de que cada ciência estava se vinculando e lidando com o tema da religião não

apenas com o seu pressuposto teórico, mas em base aquilo que ela se propunha a pesquisar. A sociologia em seu período de origem, tinha como foco estudar a sociedade moderna ocidental e de como surgiu e se desenvolveu. Já a antropologia estava com um olhar para fora da europa, com a colonização ainda potente e as ideias evolucionistas servindo para esses fins. Hoje a antropologia expande a noção sobre seu objeto, sendo o Ser Humano e as suas produções de diferença partindo do conceito de cultura. Como qualquer ciência daquela época, tiveram muita influência do iluminismo, com isso já havia debate entre ciência e religião e críticas da filosofia para com religião que estavam muito fortes no momento. Não digo que esse ambiente ditou como essas ciências iriam lidar com o tema da religião, mas com certeza acabou influenciando a formulações de muitas teorias, principalmente as que tratavam sobre a secularização no campo da sociologia e uma noção de cultura universal junto dos esquemas evolutivos na antropologia evolucionista.

No caso dessa mesma antropologia buscava compreender também a origem não apenas da cultura mas de suas instituições, no qual me faz lembrar o livro “As formas elementares da vida religiosa” de Durkheim e de como ela é considerada um clássico da antropologia também. O que faz ir para o segundo ponto de reflexão, o diálogo que essas duas ciências têm entre si e com as outras áreas do saber. Não pretendo aqui discutir os reais motivos para “As formas elementares” ser considerada um texto clássico antropológico, mesmo sendo de outra área, existem muitos outros textos que têm essa mesma característica, as obras de Marx são extremamente lidas por diversas áreas do conhecimento. Mas quero a partir desta situação, provocar uma reflexão sobre interdisciplinaridade, pensando sua produção na capacidade de diálogo e intersecções, e de como também na formação acadêmica desses autores corrobora para produção desse diálogo.

O livro de Durkheim em muito se assemelha a uma obra antropológica, não só por estudar uma religião que está fora da Europa, mas por observar as representações e o simbólico, utiliza também de um método comparativo, as categorias do Sagrado e Profano, além de outros elementos que a antropologia daquela época se apropriou. Mas também é um livro que permanece na sociologia, pois não perde de vista a sociedade moderna ocidental. A “Ética Protestante” de Weber também pode ser lida a partir de uma perspectiva historiográfica, por estar tentando a partir de um momento histórico, entender a formação de uma racionalidade que dará origem ao capitalismo. Os

estudos do Morgan sobre parentesco e a famílias nas comunidades indígenas do Estados Unidos, serviram de base para as ideias de Marx e Engels na “A origem da família”.

A trajetória de formação desses pensadores influenciaram em muitas de suas produções, por isso temos antropologias e sociologias distintas para cada pesquisador. Isso é uma característica muito marcante nos clássicos por estarem fundando uma nova área do pensamento científico, mas Marx é um caso que não buscava fundar uma disciplina. A sua formação é dentro do direito, produziu metade da sua vida acadêmica textos de filosofias e a outra metade estava pensando sobre política e economia, por conta disso foi colocado como um dos pais da sociologia, mas no entanto suas teorias estão presente nas mais diversas áreas das humanidades. Apesar desses autores estarem buscando em suas obras corroborar com a formação de suas disciplinas, as riquezas e potenciais delas é justamente a possibilidade de diálogo e intersecções com as outras áreas do conhecimento. Então posso dizer que essas obras são interdisciplinares ou que o fazem a ciência essencialmente interdisciplinar? Não posso afirmar pois, não fiz uma reflexão teórica necessária para tal. Mas partindo dessa breve reflexão, saio com a certeza que o fazer científico encontra sua excelência, potência e riqueza no momento em que o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento é posto em prática na produção da pesquisa ou que essa produção possa colaborar nas mais diversas disciplinas teoricamente e metodologicamente. Por isso, busco nesta dissertação provocar algum diálogo com a sociologia, mesmo que em muito de sua estrutura seja costumeiramente antropológico.

3 FUNDAÇÃO E CARISMA

O presente capítulo procura situar a instituição religiosa Fraternidade “O Caminho” dentro do funcionamento e quais setores da Igreja Católica estão afiliados. Quais são as bases simbólicas que formam a subjetividade dessa Ordem e como elas direcionam a atuação de seus religiosos e seguidores. Buscando descobrir a história de seus fundadores, os primeiros passos da intuição, depois o carisma, sendo a identidade religiosa, os aspectos da espiritualidade e estas situadas em uma fórmula dos movimentos carismáticos.

3.1 O GRITO DE DEUS

Primeiramente, nota-se uma questão muito importante: existem várias fontes e narrativas sobre a criação da Fraternidade e sobre os seus fundadores, mas a maior parte delas diz coisas muito similares. As fontes que serão citadas a seguir compartilham uma narrativa para com a experiência espiritual do fundador e de como ela gera a fraternidade, e muitas delas diferem adicionando alguns detalhes ausentes em outras. As principais narrativas encontradas são aquelas presentes no site e canal oficial de YouTube da Fraternidade. Por um lado, o site apresenta a história da fraternidade usando um vídeo didático curto e complementando com diferentes seções, desenvolvendo a história dos fundadores, as ações da Fraternidade, o propósito de missão, entre outros. Por outro, no canal de YouTube pode-se achar uma mini-série em formato documental, produzida pela própria instituição e que aprofunda em alguns detalhes da fundação, missão e espiritualidade da mesma.

Como complemento, utilizarei uma entrevista com o Frei João, membro da Fraternidade, realizada no ano de 2019 dentro da pesquisa de campo para o meu Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) (PULS, 2021). Esta entrevista foi feita com o intuito de entender o carisma e a espiritualidade da Fraternidade, mas o entrevistado em questão desenvolve a história da Fraternidade e de seus fundadores com muitos mais detalhes e acontecimentos do que as fontes citadas anteriormente. Além disso, a própria pesquisa de TCC complementa informações sobre a formação acadêmica do Padre Fundador.

O Padre Gilson Sobreiro de Araújo é o fundador da Fraternidade “O Caminho”, nasceu no ano de 1970, sendo natural do Município Santa Maria do Pará - PA.

No ano de 1999 fez seu ordenamento e sua formação sacerdotal na Congregação Missionária "Oblatos de Maria Imaculada". Graduado em Teologia no Instituto Teológico São Paulo - ITESP e Filosofia pela Universidade São Francisco - UFS. Também tendo duas pós-graduações, uma especialização em Arqueologia Indígena no Núcleo de Altos Estudos da Amazônia - NAEA-P e um Mestrado em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC- SP. Após um ano de passagem pela França tendo sua vivência missionária pela congregação na qual pertencia e terminando alguns de seus estudos, Padre Gilson foi ordenado e se tornou pároco em uma comunidade da Zona Sul de São Paulo, na região da Vila Natal. A vida anterior à Fraternidade da Irmã Serva é muito pouco conhecida, mas é de conhecimento que ela nasceu no dia 23 de Abril de 1961 na cidade de São Paulo, que desde cedo foi uma pessoa independente e que tinha um trabalho estável, o qual não é especificado e que também era intercessora no Santuário do Terço Bizantino.

Existem dois marcos em comum em todas as fontes: um deles é o retiro espiritual chamado Experiência Cristã Missionária (ECM) e o outro é o falecimento de um jovem que estava sob os cuidados do Padre. Neste ponto, usarei como principal narrativa a entrevista feita com o Frei João, já que apesar de ter sido uma conversa realizada em 2019, se encontra atravessada por tópicos atemporais em relação à história da Fraternidade e a espiritualidade e o carisma da mesma.

[...] A primeira paróquia dele foi lá e ele teve esse contato com o pessoal mais periférico de São Paulo. E, nesse meio tempo, a comunidade convidou ele a participar de um retiro e ele se comprometeu a ir só se ninguém soubesse que ele era Padre. Então ele participou como um cursista, como uma pessoa normal e ninguém sabia que ele era Padre, exceto quem estava organizando o retiro. Então ele conta até as conversas, os diálogos foram bem interessantes. No quarto onde ele ficava tinha traficantes, tinham todas as realidades da periferia fazendo o retiro. Ele conta que tinha fala de sexo, tinha fala de droga, tinha fala de tudo no quarto, e aí ele ficava escutando tudo isso. [...]

Então depois, quando ele se revelou como Padre, essas pessoas ficaram assustadas. Mas foi interessante porque, depois desse retiro, essas pessoas procuraram ele pedindo ajuda, pedindo um socorro "Padre, eu quero sair dessa vida. Me ajuda". E ele não sabia como ajudar, o que fazer. Então, nessa ânsia, nesse desejo, nessa sede de Deus de ajudar, ele começou a levar para a faculdade. Ele dava aulas na faculdade e começou a levar essas pessoas para a faculdade. "Nossa, Padre, me ajuda, eu não quero mais usar drogas" "Não, vem cá comigo, vamos lá comigo. Eu vou dar aula agora e vamos comigo". Ele começou a levar para a faculdade. [...] "Espera aí, fica aí um pouquinho que eu tô dando aula" e levava com ele para a pessoa ficar... Sair um pouquinho daquela rotina do uso de droga. [...]

Até que em determinado momento ele o padre e as pessoas do retiro também tiveram ânsia em ajudar esses jovens, começaram a levar pra faculdade, e a procura começou a aumentar por ajuda, até que teve um dia, uma situação, de um jovem ligou para a nossa co fundadora, a Irmã Serva, que fazia parte do retiro e auxiliava o Padre, os dois estavam em diálogo, e ligou... Chamavam de tia Sônia,

né? “Tia Sônia, me ajuda, tô com muita vontade de usar e não sei o que fazer”, e ela estava trabalhando nesse momento e falou “Não, aguarda que eu já estou chegando, aguarda que eu já estou chegando”. E quando eles chegaram ele já tinha injetado lama na veia e veio a óbito. Então foi a partir daí, vamos dizer, que essa morte que começou a gerar vida. “Precisamos fazer algo a mais, precisamos fazer algo a mais”... E o poder de Deus foi no momento, né? Inspirando, foi envolvendo, foi inspirando, aumentando, então eles decidiram alugar uma casa, mesmo trabalhando o Padre pediu ajuda para moldar uma casa e colocar esse povo aí dentro.

O advento da Fraternidade vem dessa experiência religiosa atravessada por demandas e problemáticas sociais. Vale ressaltar que no retiro espiritual mencionado, o Padre Gilson opta por não se colocar enquanto figura evangelizadora, mas como um cursista, sendo neste ponto que percebo um elemento que pode ser entendido como uma prática etnográfica, relacionada à ideia de uma observação participante. Além da sua formação em antropologia, o que me leva a realizar esta reflexão é o desejo de escuta que se destaca na busca por entender as realidades sociais dos participantes, pois a paróquia que ele dirigia se encontrava dentro de um bairro periférico da cidade. O ECM se torna então um ponto de partida para uma relação mais estreita com estes jovens inseridos nas mais diversas problemáticas sociais, especialmente aquelas relacionadas à dependência química, e estas demandas fazem com que o Padre tente buscar uma disponibilidade para oferecer ajuda acompanhando e até mesmo levando elas nas aulas que ministrava na faculdade. Conforme os pedidos por ajuda aumentam, a Irmã Serva e outros colaboradores que tinham participado do retiro e conhecido o Padre nele tentam colaborar de forma conjunta, mas há um ponto de virada: com o falecimento de um jovem viu-se a necessidade de organizar um espaço seguro e essa ajuda.

[...] Então, alugaram uma casa lá no Vila Natal, num bairro de São Paulo, a primeira casa nossa foi na rua Maracujá Natal (risos) [...] nossa primeira casa alugada foi por membros deste grupo que tiravam do próprio salário e pagavam o aluguel de casa, e voluntários que durante o dia, no decorrer do dia, ficavam com esses jovens lá. Mas, se viu a necessidade do que? De fazer algo a mais. Da necessidade então, aí que surgiu esse contato com o Padre, depois da morte desse filho o Padre escutou como se fosse a voz de Deus pedindo para ele fazer algo a mais. E ele tinha projetos, né? Seu mestrado em antropologia, aquele doutorado em antropologia, voltar a estudar, ele tinha projetos, se dedicava... Preferiu os mais pobres, preferiu essa realidade da pobreza e ser esse auxílio, essa mão de Deus, essa voz de Deus também que podia ser esse socorro. [...] Aí começou como uma comunidade local de leigos, de voluntários, então não tinha visão de vida religiosa, esse não era o projeto. O Padre saiu da Congregação porque a Congregação às vezes não permitia, não é da Congregação, a Congregação é voltada a instituições educacionais, certo? É voltada a outro Carisma, outra particularidade, outro jeito de trabalhar com a pobreza, mas não a questão da dependência. Então o Padre ele teve que se desligar do Carisma, certo? Para conseguir corresponder ao que Deus estava pedindo para ele com a questão da dependência química. Então se desligou do Carisma, mas não se desligou do sacerdócio, né? Ficou ligado ao sacerdócio pela Igreja, pela Diocese, ficou na Paróquia, mas não como vinculado à instituição. Aí ele começou a se

dedicar a essa questão da dependência química, começou a buscar, a conhecer e as pessoas que fizeram retiro com ele, que estavam coordenando o retiro, auxiliando esses jovens, também se chamaram a ajudar, a fazer. E aí começou, e começou junto da nossa co-fundadora, com a irmã Serva que acompanhou ele em todo esse primeiro processo.

Com base no relato do Frei, o projeto de ajudar as pessoas em situação de dependência química não se adequa com o estilo de vida dos colaboradores, principalmente o do Padre. Sendo assim, ele é compelido a atender aquilo que ele entende como um pedido de Deus de prestar socorro a essas pessoas, abdica dos seus estudos e da sua formação antropológica e se dedica a estruturar um novo carisma, pois o que ele se encontrava anteriormente não era alinhado com o intuito do chamado.

3.2 JESUS TODO E TODO DE JESUS

Existem duas perspectivas em relação à ideia de carisma dentro da Fraternidade: por um lado, a entrevista do Frei João onde ele conceitualiza o que é o carisma para desenvolver depois, e as informações contidas no site, que se focam numa identidade e/ou um modo de vida inspirado em passagens bíblicas e figuras santas. Começando pela fala do Frei João, segundo ele

[...]o carisma nasce na igreja. O carisma, uma identidade religiosa, nasce na igreja a partir da realidade do tempo, o grito urgente do tempo. O carisma quando nasce na igreja é voltado sempre à pobreza, sempre. Você pode pegar carismas educacionais, vicentinos, se pegar a história começou com a educação de crianças o que? Pobres. Então começa com essa realidade, com o grito começou esse suporte para essa realidade da pobreza, que é até um grito maior hoje. Entra como resposta, entra como suporte, então o carisma nasce ali. Nasce dessa realidade, do grito mais pobre, da realidade da pobreza hoje. E a de São Francisco era a lepra naquele tempo, por exemplo. Os mais pobres, mais rechaçados, à margem da sociedade eram os leprosos. Nós identificamos hoje que a lepra do nosso tempo é a drogadição. Identificamos isso, então nasce o carisma dali, a partir disso. Depois, com a própria experiência dos nossos fundadores, tudo mais, isso foi construindo a experiência de geração dele, o próprio conhecimento, né? [...]

Entende-se então que na perspectiva do Frei, o carisma é uma identidade que nasce a partir da igreja como uma resposta às problemáticas sociais inseridas em um processo histórico. Então, essas problemáticas são múltiplas e dinâmicas, dependendo da temporalidade em questão, porém o Frei João ressalta que apesar da dinâmica e a diversidade das demandas sociais, todas elas estão relacionadas a alguma forma de expressão da pobreza. A Fraternidade compreende que a principal vulnerabilidade contemporânea são as pessoas em situação de dependência química, definida como a

“lepra do nosso tempo”. A relação com os vulneráveis no tempo de São Francisco aponta para aqueles que são marginalizados e os que são indesejados pela sociedade. No entanto, na seção do site sobre o carisma pode-se encontrar um texto definindo o mesmo, do qual ressalto primeiramente o início:

“Jesus todo, todo de Jesus. Esta é a frase que abrange e resume todo o carisma dos/as Pobres de Jesus Cristo. Há em nós uma profunda vontade e até uma ousada pretensão de querer Jesus por inteiro e de ser d’Ele também por inteiro” (NF1). Se todo carisma tem como finalidade a Pessoa de Jesus, onde então é que, partindo desse enunciado, podemos encontrar aquilo que é próprio do nosso? A resposta, para essa pergunta, pode ser encontrada nas duas fortes expressões que nele aparece: profunda vontade e ousada pretensão. Ao olhar para as páginas dos Santos Evangelhos, vamos perceber que havia uma profunda vontade no coração de cada um daqueles que decidiram seguir o exigente Mestre de Nazaré. Se Ele se deu por completo a nós (cf. Fl 2,6-8), não espera outra coisa de nós que não seja a doação total de nossas vidas: “Quem não renuncia a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,33). (O CAMINHO, História e Carisma)⁶

“Jesus todo, todo de Jesus”, essa citação bíblica é a base de todo carisma. O que se percebe nela também é que denota uma entrega e uma renúncia, não somente a valores e a um *ethos*, mas à radicalização de uma vida entregue, e nestes pontos que a Fraternidade se baseia para definir o próprio carisma. A entrega tem que ser completa porque Deus se entregou por completo para “nós” na figura do seu filho, e ela não é só espiritual, mas também abrange uma entrega no sentido social. Este ponto me faz lembrar um conversa informal que tive com outro religioso da Fraternidade enquanto ele era ainda noviço, o Frei Marcos, na qual ele me explicava que “Deus se esconde atrás da face do pobre”, que se relaciona com um outro comentário do Frei João, onde ele contextualiza a idéia do carisma da Fraternidade como algo que “[...] não se volta somente para com as comunidades periféricas, é o tudo, pobre nos seus múltiplos rostos, na criança, na família, todas as realidades que se identificam com a pobreza, tanto financeira quanto de espírito”.

Dentro do texto do site, a continuação da reflexão sobre o carisma passa a mencionar uma série de pessoas presentes em passagens da Bíblia que, apesar da sua origem humilde ou marginalizada, se entregam a Deus e se santificam

Jeremias, mesmo diante de sua pequenez, acolheu, com ousada pretensão, o exigente e zeloso convite que o Senhor lhe fizera, assim como haviam acolhido tantos homens e mulheres, antes e depois dele: O velho Noé e o velho Abraão, o tartamudo Moisés, Jéfte o “filho bastardo”, Gedeão, Samuel, Davi e Daniel que eram ainda bem jovens, Rute e Raab que eram estrangeiras, Amós que era um homem da roça... Maria que era uma anônima jovem de uma insignificante cidade da Judéia, Pedro, Tiago, André e João que eram pescadores, Mateus que era um trapaceiro, Madalena e Margarida de Cortona que eram meretrizes, Onésimo que

⁶ Disponível em: <https://www.ocaminho.org/nossa-historia-nosso-carisma>. Acesso em: 15 de Set de 2024.

era um escravo fugitivo... Agostinho e Francisco que eram libertinos... (O CAMINHO, História e Carisma)

As pessoas citadas são modelos escolhidos pela fraternidade, como figuras de santidade, de entrega completa e sem medo. Exemplificá-las partindo de seu contexto social ajuda a criar a imagem de que “todos nós temos” uma potencial santidade. Frei João comenta sobre os patronos da fraternidade, que também contribuem como pilares e inspirações para a conformação do próprio carisma da Fraternidade

Nós temos quatro patronos que a gente chama como base da nossa espiritualidade: São Miguel Arcanjo, que é essa realidade de combate espiritual, de oração [...] depois, a gente tem São Paulo Apóstolo, que foi um grande missionário, começou a levar a palavra de Deus para fora de Jerusalém, ele começou a anunciar os pagãos para quem não conhecia, foi a missão de São Paulo Apóstolo; a Santa Clara por conta da radicalidade da vida intensa de oração, Santa Clara, aquela renúncia, ela era rica, tinha essa vida, castelo, mas se identificou com a pobreza e deixou tudo [...] São Francisco quem começou tudo, mas ela [Santa Clara] já vivia isso. Ela já era penitente, ela já tinha essas virtudes impostas nela, então ela que nos atraiu a essa realidade, sabe? Da modificação, da vida penitente, da vida de oração, então ela que chegou primeiro conosco e ela trouxe Francisco.

A entrega e a renúncia são reafirmadas com a figura de Santa Clara, pois na construção do carisma, esta vem primeiro, trazendo São Francisco logo depois. O exemplo de Santa Clara reitera o compromisso com a entrega de Jesus, a renúncia à vida prévia e a ideia de equivalência dentro de uma “troca”: Dentro do carisma da Fraternidade, a pessoa renuncia como resposta e compromisso para com uma renúncia prévia: “Se Ele [Jesus] se deu por completo a nós, não espera outra coisa de nós que não seja a doação total de nossas vidas”. Esse enunciado me remete à pesquisa realizada em 2019 para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, sobre a dádiva dentro do trabalho de caridade da Fraternidade. Considerando as informações colocadas neste tópico, considero que o *Ciclo da Dádiva* se manifesta não só nas ações de caridade, mas também na própria construção de identidade e subjetividade do carisma da comunidade religiosa. Trazendo uma reflexão sobre o conceito de dádiva elaborado pelo antropólogo Marcel Mauss:

O autor presume que essa troca é um sistema de prestações totais, como um fato social total que permeia em todas as instituições sociais e a partir desse fenômeno pode-se compreender diversos elementos sociais. Por fim conclui que a Dádiva é uma troca recíproca despreziosa, só que obrigatória e coercitiva onde ela se sustenta em uma tríplice obrigação: dar, receber e retribuir. (PULS, 2021)

Esta teoria se conecta com o enunciado já mencionado de “se entregar porque Jesus se entregou primeiro”, já que partindo da tese do Mauss, essa entrega seria

uma espécie de *retribuição* a um “presente” dado pela figura do Messias. Porém, isso se torna por sua vez um novo ciclo, já que para a cosmo-percepção religiosa analisada, parte dessa “entrega total” se traduz também em trabalho de caridade, uma expressão de “amar ao próximo” que agrada a Deus e se transforma, por sua vez, num “presente” dirigido em direção ao divino. O ciclo se torna então uma relação entre homens e deuses permeada por uma relação entre homens e vice-versa. Voltando mais uma vez para o relato do Frei João, ele sintetiza essa ideia da seguinte maneira

[...]eu tenho que amar o outro porque Deus me amou primeiro. Se Deus ajudou com tanta misericórdia em minha vida, por que não ajudarei a do outro? Por que ser tão egoísta? Quem sou eu para julgar, se ele não me julgou [...] Afinal na palavra de Deus, serei julgado pelas minhas obras, e as obras são isso a caridade, “você amou?”, “você perdoou?” ou “você viu o outro”. Deus mesmo disse, “não vá rezar se você tem problema com seu irmão e não perdoou o seu irmão. Vá perdoá-lo, aí sua oferta será mais agradável”.

Todos estes elementos citados terão certa influência também na conformação da espiritualidade da Fraternidade O Caminho.

3.3 O CAMINHO DOS POBRES DE JESUS

Segundo o site é possível entender que a espiritualidade é o carisma posto em prática em diversos aspectos. Apesar de possuírem vários elementos, estes funcionam de forma consonante, mas, para ajudar à compreensão, eles são discriminados em quatro características e outros três aspectos complementares. Mas antes, é apresentando a figura de Jesus como modelo de construção para a vida pessoal de quem o segue. No entanto a primeira característica a ser desenvolvido é justamente a *Jesusítica*, que seria a obsessão em imitar Jesus, nas palavras da Fraternidade:

Queremos o Verbo-Humanado pobre em Belém, anônimo em Nazaré, peregrino nas estradas, abandonado no Gólgota[...] Somos atraídos por esse Deus que entra na condição humana, que entra nas condições mais humildes e difíceis da vida. Entra na mortalidade da carne. Entra na vulnerabilidade da humanidade. Escolhe a via da pequenez como caminho de salvação. (O CAMINHO, História e Carisma)

Acho interessante ressaltar a visão da figura de Jesus, um messias de origem humilde e anônima, e que a “obsessão” mencionada é sobre mimetizar a figura desse “Deus humano” que vive uma vulnerável. Nas pesquisas que realizei, não encontrei nenhum significado com a palavra Jesusítica, e apesar da semelhança com o termo

Jesuíta, este não tem o mesmo significado do mimetismo proposto pela Fraternidade. Continuando, a segunda característica mencionada é a *Apostólica*.

Esse “amor obsessivo” por Jesus nos faz ir ao encontro do outro na situação em que este se encontra. O arquétipo de seguimento de Jesus para os/as Pobres de Jesus Cristo é a experiência que os Apóstolos viveram do momento em que foram chamados pelo Mestre até o momento do martírio. Seguimento esse radical, íntimo e irreversível vivido no mundo, mas sem a ele pertencer.[...] (O CAMINHO, História e Carisma)

A síntese desse trecho é que a inspiração para seguir Jesus são as vivências dos doze apóstolos: atender o seu chamado, ir ao encontro do outro levando este amor de Deus e a Deus, e ter uma entrega irrevogável ao “caminho”. Então, a “obsessão” por Jesus está em imitar a sua humanidade e trilhar a mesma sina dos apóstolos. A terceira característica é a *Samaritana*.

Queremos ser na Igreja os/as samaritanos/as daqueles que vivem à margem do caminho, desfigurados pela exclusão, pela miséria, pelo preconceito, pelos vícios, etc. A missão evangelizadora não pode estar separada da solidariedade com os pobres e sua promoção integral. Anunciar Jesus Cristo integralmente e denunciar as injustiças praticadas contra os pobres e os modelos antropológicos incompatíveis com a natureza e dignidade do homem, exige um espírito profético.[...] Para os pobres queremos ser bons samaritanos, que amam a toda hora e em qualquer lugar. (O CAMINHO, História e Carisma)

A princípio os samaritanos são um grupo étnico-religioso, mas que neste trecho remete ao evangelho de Lucas, sobre a parábola do *Bom Samaritano*. Em um breve resumo, trata-se de um viajante que foi assaltado e agredido, deixado na beira da estrada para morrer. Primeiro passou um sacerdote que não prestou ajuda, depois um levita que fez o mesmo, mas terceiro que era um samaritano, que prestou socorro e levou o viajante até uma hospedaria, arcando com as despesas de seu cuidado. Então para a Fraternidade, a característica samaritana é o compromisso ético e social com os mais pobres e as pessoas marginalizadas pela sociedade. A motivação não é apenas por ser um ensinamento de Jesus, mas também porque este em vida se encontrava em situação social de pobreza e vulnerabilidade. Pois anunciar Jesus de forma integral é advogar por aqueles que se encontram na mesma condição que a dele. A quarta característica da espiritualidade é a *Franciscana*.

No Poverello de Assis [São Francisco], assim como na Pequena Florzinha [Santa Clara] do seu jardim, encontramos o exemplo de que nos é possível viver o Evangelho sine glossa, nossa mais absoluta Regra de Vida. “Guardemos, pois as palavras, a vida, a doutrina e o Santo Evangelho D’Aquele que se dignou pedir a seu Pai por nós...” (2Rg 38). Toda a vida de Francisco foi expressão do Evangelho, sobretudo de Mateus 10,1-42 que é a sua porta de entrada, a sua carta magna, sua súpula. (O CAMINHO, História e Carisma)

Segundo o trecho citado, São Francisco de Assis e Santa Clara de Assis, são exemplos da possibilidade de viver o evangelho sendo a única regra pessoal. O destaque que se faz a passagem do evangelho de Mateus, é quando Jesus chama os apóstolos e orienta que eles terão de ir de encontro às ovelhas perdidas da casa de Israel, cuidar dos feridos e limpar os leprosos. Dar de graça aquilo que foi recebido, não possuir riquezas ou vaidades, de serem cautelosos, pacíficos e (dentre outras orientações) de como seguiram suas vidas no caminho apostólico. As características anteriores da espiritualidade da Fraternidade, estão presentes na franciscana, se tornando um ponto de convergência. A própria biografia de São Francisco, comenta que ele é “considerado o grande imitador e admirador de Cristo ao ponto de ser tido como o segundo Cristo.” (COSTA, 2011, p. 7) Mas vale ressaltar que apesar da semelhança na espiritualidade, a Fraternidade “O Caminho” e a Ordem dos Frades Menores (OFM) tem suas diferenças, inclusive da OFM com a Ordem antes da Regula Bullata.

Não irei me ater com as diferenças entre as instituições, mas refletir sobre o advento da ordem e esse franciscanismo primitivo. Minha principal fonte será um artigo chamado “*A Fundação da Ordem dos Frades Menores no Séc.XIII: a ordem mendicante de São Francisco de Assis e suas influências na Idade Média Central, a escolha por São Boaventura.*” (2011), do historiador Alex Silva Costa, no qual a sua formação está debruçada na pesquisa da vida e outros aspectos de São Francisco e a OFM. Existe um certo debate em torno da própria biografia do Santo, pois a fonte principal se chama *Legenda Maior*, escrita por São Boaventura, uma encomenda feita pela própria ordem em 1260, para se ter a história oficial da vida do Santo. Fontes anteriores a esta foram destruídas:

O objetivo dessa medida era impedir que os frades não tivessem outra referência bibliográfica a não ser a de São Boaventura sobre a vida do peregrino de Assis. Ao impor esta medida a obra tinha que ser tida , como única vida canônica, fazendo assim a Ordem contrariou os desejos do próprio santo que em seu testamento pedia que zelassem pela autenticidade de sua vida [...] (COSTA, 2011, p. 2)

Mas ainda assim esse Francisco foi reescrito por Bartolomeu de Pisa que segundo Alex (COSTA, 2011), a história do Santo que já foi mutilada e adocicada, agora ela estava insossa e medíocre, que foi aceita como oficial pela Ordem no século XIV. O autor então utiliza outra fonte, que é o livro “*São Francisco de Assis*” (2001), do historiador francês Jacques Le Goff. Não irei focar na conversão do Santo, mas nas regras de sua ordem. Entre 1209 e 1210, Francisco se dirige a Roma no intuito de uma aprovação para

conduta dele e de seus irmãos, levando consigo uma regra tendo trechos literais do evangelho, que foi considerada muito severa pelo Papa Inocêncio III. Após algumas audiências e um sonho profético do Sumo Pontífice, este aprova de forma verbal e não escrita o texto, impõe a obediência a todos, conferindo-os a vida de leigos e o diaconato a Francisco.

No ano de 1221 há uma nova tentativa de uma confirmação definitiva com o Papa Honório III. A ordem naquela época já se encontrava numerosa e a reorganização do movimento era complicada, por haver uma diversidade de segmentos, havia múltiplas exigências de como a Ordem teria que se portar. Mas foi em 29 de novembro de 1223, que o Papa aprova as novas diretrizes da OFM, a Regula Bullata, que a regra transmitida através de bula papal. Houve uma versão escrita pelo Santo em 1221, mas que foi modificada para a aprovação. Segundo Alex

foram suprimidas as passagens líricas, em favor de fórmulas jurídicas. Um artigo que autorizava os frades a desobedecerem aos superiores indignos também foi suprimido. Da mesma forma, tudo que se referia aos cuidados a serem dispensados aos leprosos e todas as prescrições que exigiam uma pobreza rigorosa a ser vivida pelos irmãos. A Regra não insistia mais necessidade do trabalho manual e não mais proibia que os frades tivessem livros. Francisco, a morte na alma, aceitou essa Regra deformada. Os biógrafos chamam esse período de sua vida, do fim de 1223, de época da “grande tentação”. A tentação seria a de abandonar completamente a nova ordem, se não sua ortodoxia. A obediência-obediência à Igreja, da qual ele tinha feito um preceito rigoroso- de uma hora para outra pareceu-lhe ridícula. (COSTA, 2011, p. 16 e 17)

Mas Francisco se resignou e tranquilizou-se, aceitou o desejo de seu Deus, peregrinou, meditou e serenamente foi aos braços da irmã morte no dia 3 de outubro de 1226. O início do movimento de São Francisco teve então que adequar-se aos moldes da igreja institucional daquela época: uma igreja em expansão, aumentando o seu poderio económico e territorial. Outras ordens, que seguiam o mesmo estilo de vida ligado à pobreza, tiveram também que seguir esse mesmo caminho

Hilário Franco Júnior que afirma que as novas manifestações espirituais, que forçavam a Igreja a rever certos conceitos, não vinham de grupos marginalizados, mal cristianizados. Eram produto da cultura intermediária, tanto no caso das manifestações que ficaram na ortodoxia (cistercienses, franciscanos, dominicanos) quanto no das que caíram na heresia (cátaros, valdenses, fraticelli). Todas essas correntes baseavam-se na pobreza e na penitência, forma de criticar o enriquecimento e a institucionalização da Igreja. Mas aquelas que não desejavam afastar-se da ortodoxia com o tempo viam-se influenciadas pelo mesmo enriquecimento e institucionalização. (COSTA, 2011, p. 23)

Esses movimentos religiosos não começaram de forma externa ao cristianismo, eram cristãos que seguiam a mesma doutrina, formados em berço da religião institucional, mas que tinham uma interpretação diferente da mesma. Essa

reflexão se conecta novamente com a figura de São Francisco, filho de comerciantes, vindo de um meio rico que lhe deu acesso à alfabetização numa época em que esta era um luxo. No entanto, outros filhos de comerciantes e famílias abastadas se tornaram frades, seguindo o exemplo dele e gerando um descontentamento com a burguesia. Houve então uma crescente adesão de irmãos, que segundo o Alex (COSTA, 2011), conseguiu de alguma forma revolucionar a mentalidade e a subjetividade do cristianismo naquela época, o qual estava permeado pela luxúria, a riqueza e a opulência. Estava claro o desencontro entre os vários movimentos mencionados e a igreja, que utilizou-se então do IV Concílio da Igreja de São João de Latrão como uma forma de mascarar essa cisão, vinculando a imagem do Santo com o evento.

[...] conclui-se mais tarde ter havidos encontros matéias com o objetivo de ocultar as divergências que separavam a cúria romana dos dois santos e, se não dos dois santos, pelo menos de seus filhos espirituais entre si. Que o concílio mantinha uma ameaça a Francisco, Domingos e seus companheiros é evidente. O cânon 13 proibiu formalmente a fundação de novas ordens e o cânon 10 previa a atividade dos frades em conjunto com os bispos auxiliares “não apenas para assegurar a pregação, mas para ouvir confissões, distribuir as penitências e para todas as outras coisas referentes à salvação das almas”. Esse papel de ajudantes estreitamente subordinados à hierarquia, evidentemente contrariava as intenções de Domingos e Francisco. Ambos procuraram desvencilhar-se das ameaças de maneira diferente. (COSTA, 2011, p. 23)

De certa forma, a Fraternidade tenta resgatar certos aspectos de este franciscanismo primitivo: o surgimento do movimento de forma orgânica, a adequação aos moldes do seu carisma, a radicalidade da pobreza pessoal, da vivência do evangelho e da humanização de aqueles que são atendidos por eles, baseados no Concílio Vaticano II.

3.4 O SOPRO DE DEUS

A mesma seção do site que trabalha os pontos abordados anteriormente trata sobre outros três aspectos relevantes para a construção da identidade do carisma em prática: o aspecto pneumático/carismático, o milicial e o devocional. A princípio irei tratar sobre os dois últimos, a fim de me debruçar sobre o aspecto pneumático no final. O aspecto *milicial* é a necessidade de ir ao combate, baseado em três campos de batalha indicados por Jesus a Santa Margarida (contra o demônio, contra o mundo e contra si mesma), onde as armas seriam a vigilância, a oração e o jejum, auxiliados pelo Arcanjo São Miguel. O aspecto *devocional* é o “zelo pelas coisas de Deus”: a celebração do calendário litúrgico, a honra da memória dos santos mártires, a celebração de festas

santas e rituais sacros (santa missa e adoração ao santíssimo). Dito de outra forma, o seguimento de tudo aquilo que está na igreja ou é por ela exercido. Em relação ao aspecto *Pneumático*, a definição dada pela Fraternidade é

O Pneumático (carismático): Como sabemos, nossa Fraternidade foi fruto de uma forte experiência, que o nosso Fundador e os primeiros tiveram, com o Espírito Santo. Dessa experiência, pessoal e transformadora, brotou a certeza de que ela é vital para todo aquele que deseja viver a vida nova em Cristo. Essa dimensão carismática (sem querer aqui reduzi-la) é vivenciada, sobretudo na abertura aos dons carismáticos (ordinários e extraordinários), em momentos de oração, ministração e encontros querigmáticos. (O CAMINHO, História e Carisma)

Segundo a Fraternidade, a experiência do Padre com o Espírito Santo no retiro da ECM foi o catalisador para trazer a fórmula carismática para dentro da prática litúrgica da organização, pois estes entendem que “viver o Espírito Santo” inspira a entrega a Cristo. Pesquisando sobre o termo, a sua origem vem do grego *pneuma*, que significa respiração, mas (vinculando com a religião e a filosofia) encontramos também a pneumatologia, que seria o estudo sobre o espírito, a alma e a conexão de Deus com os homens, segundo o Dicionário Online de Português⁷. É importante destacar que a palavra “*carismático*”, colocada entre parênteses na definição referenciada do site, é distinta do conceito de carisma apresentado no primeiro subtópico, conectado com a ideia de *identidade* das múltiplas ordens e movimentos da igreja. Vinculado ao *espírito*

A palavra carisma tem o sentido genérico de dom generoso, trata-se da transcrição do termo grego *chárisma*, procedendo na raiz *char*, que por sua vez tem referência ao objeto e resultado da graça divina, *charis* (graça) (cf. IE 4; BINS, 2015, p. 47). *Charis* significa graça, são dons do Espírito Santo (cf. LACOSTE, 2014, p. 345).

O Catecismo da Igreja Católica (CIC) define os carismas como “graças do Espírito Santo que, direta ou indiretamente, têm uma utilidade eclesial, pois são ordenados à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo” (CIC 799). No Novo Testamento são referenciados somente como dons divinos, reconhecidos como uma manifestação da “multiforme graça de Deus” (IE 4, 5). (CHARLES; FERREIRA JÚNIOR, p. 29, 2021)

Muitos desses dons foram elencados em alguns evangelhos do apóstolo Paulo. Sendo assim, *carismático* seria um movimento religioso que se relaciona com os dons ou graças concedidas pelo Espírito Santo, proeminente no pós Concílio Vaticano II e tendo o seu maior expoente na *Renovação Carismática Católica* (RCC). Destaco que seja necessário pensar sobre a influência deste movimento em relação à Fraternidade, porém, terei que voltar no tempo com o fim de refletir sobre a relação da igreja institucional com a terceira face da Trindade. Para isso, utilizarei um artigo de André Luís da Rosa, cientista

⁷ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pneumatologia/>. Acesso em: 15 de Set de 2024

da religião, titulado “*Pentecostalismo Católico: histórico e espiritualidade*” (2017), no qual ele trata da relação da igreja institucional com o Espírito Santo e os movimentos pentecostais católicos. O autor dá pontapé ao texto tratando justamente sobre o distanciamento do catolicismo com o Espírito Santo, afirmando que, segundo os teólogos, a instituição da igreja na contemporaneidade “esqueceu-se” da figura do Espírito Santo, reduzida à lembrança apenas na oração do Credo⁸ ou no sinal da cruz.

Rosa busca fazer uma genealogia desse esquecimento, elencando os principais motivos que ele considera significativos: em primeiro lugar, a Institucionalização da igreja, a união do cristianismo com o Império Romano e a subsequente criação de uma imagem homogeneizada ao redor da figura de Cristo; por outro lado, o outro ponto seria o *crismomonismo*, no qual a figura e o estudo de Cristo tornam-se centrais na construção da fé (ROSA, 2017). Este foco foi ofuscando os outros aspectos da Trindade, principalmente o Espírito Santo, o qual foi simplificado no corpo eclesial da Igreja. No entanto, muitos dos “dons” ou manifestações do Espírito partia das figuras dos Santos, o que tornava o acesso aos mesmos de certa forma “privado”. Durante a Idade Média, a ideia do Espírito Santo foi se aglutinando progressivamente na imagem da igreja institucional, chegando no ápice deste processo durante o Concílio de Trento, sendo que segundo Rosa

na eclesiologia nascida na Idade Média e triunfante no Concílio de Trento não há lugar para o Espírito Santo. Prevaleceu o esquema: Deus – Cristo – Igreja. Neste esquema, Deus revela-se por Cristo e Cristo dá-se a conhecer pela Igreja, isto é, pela hierarquia da Igreja Católica. O Espírito Santo, nesta eclesiologia, está presente apenas como auxiliar da hierarquia para facilitar a comunicação de Cristo. É o crismomonismo também na eclesiologia. A Igreja basta para fazer a ligação entre os cristãos e Cristo.

Continuando no tema da eclesiologia, vale ressaltar: da Idade Média até o Concílio de Trento, a ligação entre o Espírito Santo e a Igreja torna-se muito estreita, chegando a uma redução de ambos à mesma realidade, como constata-se no clássico pensamento de Santo Irineu, que reza: “onde está a Igreja, aí está também o Espírito de Deus; e onde está o Espírito de Deus, ali está também a Igreja”. Assim, o Espírito Santo ficou restrito à Igreja enquanto instituição. (ROSA, 2017, p.16)

Portanto, pode-se refletir que a redução do Espírito Santo apenas à igreja institucional e ao corpo clerical aparta os fiéis do contato e da experiência dos dons carismáticos, criando uma lacuna, colocando estes à margem da instituição. O autor ressalta uma figura que foi Elena Guerra, religiosa que (segundo a narrativa) teve uma experiência com o Espírito Santo durante a sua primeira infância, o que a levou a evidenciar esse distanciamento com este aspecto da Trindade e a ser uma porta voz da

⁸ Oração que pode se definir como “uma composição que sintetiza de maneira orgânica e articulada o essencial da fé da Igreja”. (Arquidiocese de São Paulo)

importância de recordar esta figura. Ela compôs uma carta ao papa Leão XIII, que foi o primeiro Pontífice na história do catolicismo a dedicar-se ao Espírito Santo, escrevendo uma encíclica e consagrando o Século XX ao mesmo. O transformador de toda essa consagração histórica foi o Concílio Vaticano II, feito pelo Papa João XXIII e que, entre outras coisas, transforma o dogma da igreja: as missas deixam de ser em latim, o altar vira em direção aos fiéis e a teologia passa a desenvolver também a pneumatologia, marcando um certo retorno ao estudo do Espírito Santo. É a partir deste ponto que surgem vários movimentos que visam se re-aproximar e re-incorporar os fiéis, dando-lhes espaço de agência dentro da instituição, os movimentos que incluíam os leigos, entre eles o que mais se difundiu sobre o mundo: a *Renovação Carismática Católica* (RCC).

Para contextualizar o surgimento e desenvolvimento da RCC usarei duas resenhas⁹ sobre o livro “*Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*”, do sociólogo Reginaldo Prandi (PRANDI, 1997). Este movimento surgiu no ano de 1967, dentro do contexto de um retiro espiritual realizado nos Estados Unidos, na Universidade Duquesne (Pittsburgh), seguindo a influência presbiteriana, já pentecostalizada. O movimento chega no Brasil antes do começo da década de ‘70, se adequando aos movimentos eclesiais mais conservadores da igreja (MARIANO, 1998). Seguindo as palavras de Ricardo Mariano

Com uma teologia intimista e puritana, isto é, que valoriza o indivíduo e a família, impõe rígido controle dos costumes e da sexualidade e desvaloriza a militância política e as questões coletivas referentes à justiça social [...] Naturalmente, o Vaticano tudo fará para enquadrar a RCC, conferir-lhe uma identidade católica e torná-la seu braço evangelístico. (MARIANO, 1998, p. 197-198)

Estas características conservadoras se alinharam com as esferas que seguiam a mesma lógica ao redor do mundo, e, acima de tudo, se fizeram presentes em todas as manifestações litúrgicas. Apesar das diferenças com os pentecostais evangélicos, estes carregavam a mesma moral puritana que divergia com os contextos sociais de seus respectivos fiéis, majoritariamente de classes populares, enquanto a RCC se encontrava mais forte nas cidades do interior dentro do território brasileiro¹⁰. Mas, dentro da igreja, aqueles que

Os mais ferrenhos opositores da RCC, no campo católico, são as CEBs. Estas criticam a alienação política dos carismáticos, pois estes, em sua teologia e prática pastoral, desconsideram os problemas sociais, a miséria e a injustiça social. Como

⁹ Renovação Carismática Católica: Movimento Mágico, Moralista e Proselitista (MARIANO, 1998); (Resenha) Prandi, Reginaldo: Um sopro do espírito, a renovação conservadora do catolicismo carismático (NETO, 1998).

¹⁰ Dados inseridos no contexto da pesquisa de Prandi, realizada no período compreendido entre 1992-1996.

a adversidade é recíproca, os adeptos da RCC invertem a crítica ao combater tenazmente a politização da Igreja. Embora não rejeitem a política partidária e até elejam seus representantes, pretendem como os pentecostais, transformar a sociedade por meio da conversão individual e da inculcação da moral cristã. (MARIANO, 1988, p. 198)

Pode se dizer, então, que o aspecto social da RCC se baseia em “afirmar que mudando o indivíduo o mundo social automaticamente se transformará” (NETO, 1998, p. 252), premissa que vai de encontro com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que por sua vez buscam pressionar a transformação social confiando em que esta pode ser uma real força de mudança nas vidas das camadas sociais mais vulneráveis.

É interessante pensar que, pós Concílio Vaticano II, a Igreja Católica se vê na necessidade institucional de se “adaptar” de diferentes formas à vida contemporânea, tentando re-aproximar os fiéis à instituição. Sendo assim, um dos grupos que teve um impacto significativo neste processo foi o movimento carismático, seguindo de uma forma ou outra um modelo que se encaixa dentro de uma sociedade capitalista, nos começos do neoliberalismo económico e num contexto histórico muito próximo do fim das grandes guerras. Ao meu ver, a força dos movimentos carismáticos que trazem o espetáculo de viver a “potência do espírito santo” se encaixa muito bem dentro do análise que o Weber faz, já que segue uma perspectiva puramente capitalista, focada no progresso individual e no acúmulo de riquezas (tanto espirituais quanto materiais) e na meritocracia, valores que foram importantes para o surgimento do capitalismo para o autor dentro da ética protestante. Não é atoa que a RCC é gestada e ganha força dentro de um dos grandes berços e exemplos do neoliberalismo, os Estados Unidos.

A Fraternidade O Caminho se encontra dentro de uma lógica dos movimentos carismáticos, só que com uma perspectiva humanizadora focada nas camadas mais vulneráveis da sociedade. A Fraternidade possui todas as fórmulas existentes no movimento carismático na sua forma litúrgica, ela exerce esses dons do Espírito Santo (como a fala em línguas e o dom de cura) e carrega também uma moral conservadora, que não está alheia ao entorno político. Um exemplo deste último ponto poderia ser a vigília de oração realizada na cidade no dia 24 de Setembro do corrente ano, acompanhando a votação pela descriminalização do aborto no território brasileiro. Porém, ao mesmo tempo, a organização religiosa organiza trabalhos em conjunto com o Padre Júlio Lancellotti (o maior representante das CEBs na atualidade) nas cracolândias na cidade de São Paulo. Parece-me, de esta forma, que a Fraternidade é um movimento

carismático com atuação social. Outro ponto de diferença com a RCC e outros movimentos carismáticos católicos seria que o seu foco está no atendimento de pessoas em situação de vulnerabilidade, permeado por um processo evangelizador. Sendo assim, acabam estando mais presentes em classes sociais mais baixas ou pobres.

4 SANTOS ANJOS

Este capítulo tem como objetivo refletir a perspectiva dos religiosos e colabores da Fraternidade “O Caminho” para com os donatários que participam dos almoços servidos pela instituição. A ideia inicial era dedicar esta secção ao tratamento das perspectivas dos donatários que participam do almoço, para entender a dimensão que este serviço tem na vida dessas pessoas, mas com o desenrolar do fazer etnográfico foram surgindo empecilhos que dificultaram uma aproximação necessária para fazer uma entrevista e acessar à subjetividade de algumas dessas pessoas. Estes empecilhos em questão serão tratados com mais detalhes com o decorrer do capítulo.

A opção pela ideia de analisar a perspectiva dos religiosos e colaboradores para com os “filhos prediletos” aconteceu por dois motivos: o primeiro deles é pela forma como a pesquisa de campo me conduzia, encontrando nuances e situações inusitadas desses interlocutores, podendo encontrar pessoas que estão para além do discurso religioso, e o segundo é a possibilidade de analisar o outro lado da perspectiva da pesquisa, já que apesar de não ser o foco principal, estes interlocutores são aqueles que proporcionam as condições para este tipo de relação entre religioso e donatários aconteça.

Os dados foram coletados na Fraternita Santos Anjos, localizada sobre a Avenida Juscelino Kubitschek, uma das principais vias do centro da cidade de Foz do Iguaçu. Uma casa de freiras com o objetivo não apenas de atender aqueles considerados filhos prediletos, mas também de proporcionar um primeiro contato para a triagem das chácaras de reabilitação para dependentes químicos. Foi realizada uma entrevista semiestruturada com a irmã superiora nos dias 5 e 26 de setembro de 2023, sendo esta a religiosa que estava à frente da Fraternita nesse mesmo ano. Outra forma de coleta de dados foi a observação participante nos almoços servidos pela Fraternidade “O Caminho”, acompanhando a equipe de terça-feira. Foram realizados relatórios no período do 16 de Abril de 2024, até o dia 30 de Julho do mesmo ano. Nesses quase 4 meses de observação o participante, teve ao todo 8 encontros.

4.1 O ALMOÇO

O relato da observação participante será exposto da seguinte forma: a princípio irei detalhar o primeiro dia de coleta de dados, pois é nele que tomo a noção sobre a real

condição em que o campo se encontra, já após essa exposição irei comentar toda a experiência e a observação no campo a partir de momentos do trabalho, não detalhando cada um dos 8 encontros de forma individual. Optando por momentos do trabalho, poderei tratar de forma geral os 8 encontros, captando as informações mais interessantes e expondo elas de uma maneira mais dinâmica e fluida.

A observação participante já vinha ocorrendo desde junho de 2023, mas por questões de mudança de orientação e conseqüentemente da perspectiva da pesquisa, ocorreu uma pausa que me levou a retomar as visitas apenas em abril de 2024. A princípio, a pesquisa da dissertação teria como foco o impacto da Fraternidade “O Caminho” na vida de seus donatários em relação às ações, programas e políticas públicas realizadas pelo poder público, principalmente pelo município de Foz do Iguaçu. Agora a pesquisa se propõe a focar na perspectiva e subjetividade desses donatários sobre as ações da Fraternidade “O Caminho” nas suas vidas. Sendo assim, retomei o campo focado em coletar essas perspectivas, tendo montado um questionário dinâmico para conseguir acessar algum tipo de subjetividade das pessoas envolvidas enquanto tentava estabelecer algum contato.

O retorno para a pesquisa de campo foi tranquilo, mas tive que apresentar de novo o projeto da pesquisa e os intuítos para a nova Irmã superiora da Fraternita Santos Anjos. Este é um ponto interessante: os religiosos dessa ordem de tempos em tempos precisam mudar de missão para não se apegar às pessoas e aos lugares, causando que certas lideranças ou pessoas de referência mudem com certa periodicidade. A nova Irmã superiora permitiu a realização da pesquisa, mas fez dois pedidos (os quais eu concordei em seguir), que são: não colocar os nomes das religiosas na escrita da dissertação, já que segundo ela é a “missão” que precisa se destacar e não os seus realizadores; e o outro pedido foi de ter um acompanhamento longo e regular para com os filhos prediletos, caso eu realmente quisesse entrevistá-los. Segundo a Irmã Superiora, as pessoas que frequentam os almoços oferecidos pela Fraternidade não iriam dar muita oportunidade de entrevista, não apenas pelo fato do público ser bastante diferenciado a cada dia, mas também por conta da maioria ser ressabiada e com objetivo de apenas conseguir a marmitta e seguir seu caminho.

Após a conversa que tive com a irmã superiora, busquei ajudar na realização do almoço, no entanto quando cheguei na cozinha, já estava tudo pronto e com a louça e cozinha limpa, só teria que aguardar o almoço das religiosas e das colaboradoras, preparar as marmittas e depois servir os filhos prediletos. A equipe de terça-feira é

basicamente composta por senhoras idosas, a maioria aposentadas. A colaboradora que está à frente da equipe é uma senhora aposentada da prefeitura, que trabalhou como assistente social. Ela e mais algumas colaboradoras são as responsáveis por comprar a maioria dos alimentos usados no almoço e coordenar o cardápio do dia. A comida naquele dia foi arroz, feijão, frango cozido, macarrão e uma salada de alface com cenoura, uma comida diversificada e muito nutritiva. A Colaboradora à frente da equipe sempre tenta manter um cardápio variado e evitar qualquer ultraprocessado para não apenas alimentar as pessoas atendidas, mas entregar algo de qualidade e saudável. A comida oferecida aos filhos prediletos é a mesma oferecida à equipe para o almoço, antes de montar as marmitas e realizar as suas entregas.

Durante a refeição tive uma longa conversa com umas das religiosas que mora na Fraternita Santos Anjos, ela estava bem curiosa com a minha pesquisa e os meus objetivos. No entanto, ela tinha deduzido que o Trabalho de Conclusão de Curso que estava na biblioteca da Fraternita era o meu. Continuamos o assunto sobre a Fraternidade e os seus trabalhos, no qual a irmã relata que muitas pessoas em Foz do Iguaçu enxergam que o trabalho dela de alimentar os filhos prediletos é uma forma de manter essas pessoas na rua. Ela ficou revoltada, pois entendia que suas ações tinham a intenção de humanizar e a maioria das pessoas estavam na rua por diversos motivos, que a maioria das tragédias delas eram fruto de problemas sociais e não as marmitas que elas entregavam. A irmã também relatava que os filhos prediletos traziam muitas questões que elas não conseguiriam resolver, então orientavam buscar agentes do município especializados para aquela necessidade, como o CRAS ou CREAS. Mas, ainda assim, segundo a irmã, muitos ainda buscavam elas para evitar a burocracia, entendendo que o socorro das irmãs era imediato, mesmo que muitas vezes as soluções oferecidas fossem temporárias.

Continuando a conversa, a irmã recomendou que também fizesse essa mesma pesquisa na cidade de São Paulo, onde ela também viveu em uma Fraternita. Ela até comparou essa realidade com a cidade de Foz, dizendo que São Paulo passa por uma crise humanitária gigantesca, mas que ainda assim tem uma variedade de serviços e atendimentos tanto do âmbito público quanto privado. Cita como exemplo a casa de atenção a pessoas transgêneros e aponta para a necessidade que Foz do Iguaçu tem em serviços especializados para grupos que sofrem diferentes categorias de violência. A cidade em questão tem muitas entidades especializadas em atender e combater

determinadas problemáticas sociais, mas pelo relato desta irmã, surge a possibilidade destes serviços não serem divulgados amplamente.

A montagem das marmitas é organizada meia hora antes de sua entrega e ao todo são montadas 120 marmitas em média, as últimas indo com aviso de algum alimento faltando, naquele dia em questão foi o feijão que não foi o suficiente para todas. Também foram feitos 5 litros de suco para ser servido para os atendentes e 20 garrafas de águas para quando terminasse o suco ou caso alguém a preferisse. No horário de 12:00 em ponto foi aberto o portão e a colaboradora a frente da equipe já estava pedindo para que se ajeitassem as duas filas, uma de homens e outra de mulheres com as crianças. Primeiro foram entregues as marmitas para as mulheres e as crianças, depois para os homens. Chovia no momento das entregas e segundo a colaboradora principal, não compareceram muitas pessoas por conta do tempo, então foram entregues duas marmitas para os presentes (principalmente as mães) para que pudessem levar para os filhos ou parentes que não puderam comparecer. Mesmo distribuindo duas marmitas, algumas pessoas insistiram em ganhar mais comida ou roupas, mas as irmãs não tinham mais alimentos para dar ou roupas para doar, por conta disso gerou um momento de tensão entre alguns donatários, mas a situação foi contornada pela colaboradora principal, com um tom sério quase de autoridade.

Se bem a colaboradora principal tinha uma postura de autoridade, ainda assim tinha muito carinho pelos filhos prediletos, abraçando quase todos e chamando a maior parte deles pelo nome ou apelido. Também chamava a atenção daqueles que tentavam brigar ou deixavam o lixo na rua. Por conta da chuva tudo ocorreu muito rápido, mas ainda assim, não se teve muita abertura para um diálogo, mesmo aqueles que permaneceram no local para comer. Quando ocorreu um altercado que quase escalou para uma briga, nenhum dos atendentes quis apartar as pessoas em conflito, estavam todos distantes, não querendo se envolver.

Partindo agora para os demais dias, irei explicá-los em dois momentos: Preparação do almoço e distribuição das marmitas. A preparação do almoço começa bem antes da minha chegada ao Campo que é pelas 10:00 da manhã, a equipe de senhoras voluntárias chegam pontualmente às 8:00, e preparam a refeição desde cedo. Quando chegava ao campo, em quase todas as visitas que realizei, o almoço já estava praticamente pronto e geralmente por volta das 10:30 a 11:00, quase nunca sobrava algum trabalho para mim. Eram poucas as oportunidades que eu tinha de preparar o almoço em conjunto com as voluntárias. Por conta do meu tamanho e da jovialidade que

me acompanha, acabava exercendo atividade que para aquelas senhoras, demandaria muito esforço, como ficar diante da panela de polenta e ficar misturando, ou carregar as panelas industriais pesadas. Apesar dos alimentos terem variedade, os pratos que compõem o cardápio em si são bem constante, tendo como base o arroz, feijão preto, frango cozido ou assado, salada de folhas e mais algum carboidrato para dar sustância nas marmitas, que poderia ser polenta, canjica ou macarrão.

A maior parte do tempo antes do almoço eu fico conversando com as voluntárias e as religiosas. Com as voluntárias, como dito anteriormente, todas elas são idosas, aposentadas ou que vivem de pensão, os assuntos são mais cotidianos, geralmente é sobre a histórias de suas vidas ou dos familiares que elas compartilham. Mas as conversas mais longas e interessantes são com as religiosas, o que me chamou mais a atenção é a curiosidade que elas têm sobre a minha pesquisa ou desabafos que elas têm com o cotidiano de trabalhar e lidar com as pessoas às quais elas atendem. Em quase todas as visitas que realizei, eu acabava conhecendo ou me aproximando de alguma freira diferente, e quase sempre o assunto de interesse ou de curiosidade como havia comentado, era com a pesquisa que estava realizando com a instituição.

Surgiam muitas perguntas, mas o principal questionamento era sobre a escolha da Fraternidade como objeto da pesquisa. Para o primeiro questionamento, a resposta sempre foi muito parecida com o que expus na introdução deste trabalho, sobre esta pesquisa ser uma continuidade do meu TCC na graduação e que a instituição havia me ajudado na permanência no começo da minha trajetória acadêmica. Mas dentre tantas irmãs que tinham essa curiosidade, umas delas se chamou a atenção pelo seu questionamento, pois ela perguntava qual era o interesse pela Fraternidade? Ela refletia que uma pesquisa que eu estava realizando poderia ser benéfica para a instituição ou até mesmo para a Igreja, pois estaria retratando a ação que as religiosas realizavam na cidade de Foz do Iguaçu e importante para expor a realidade das pessoas atendidas por elas. No entanto, o que ela não entendia, do por que seria interessante para mim ou para uma perspectiva científica.

Nesse momento fui atingido por uma pergunta extremamente pertinente, que só seria feita novamente por outros colegas acadêmicos. Qual é a finalidade da pesquisa que estou produzindo? Para quem ela irá servir? Qual é o posicionamento político social que ela está tocando? Não sei se a Freira estava questionando para essa direção, mas no momento eu a interpretei assim. Tomei um breve tempo para respondê-la, pois um dos pensamentos que me tomou foi, "será que não estou apenas fazendo a pesquisa como

um elogio para com a Fraternidade?". Então, no momento, respondi que o interesse da pesquisa pela instituição (além de toda a trajetória que tive com ela), estava também como um ponto de partida, para acessar determinadas problemáticas que as pessoas atendidas pela Fraternidade, estão imersas no contexto da cidade. Mas esse questionamento me acompanhou por um bom tempo e que irei expor com mais profundidade no terceiro capítulo deste trabalho.

Agora, seguimos para o segundo momento, a distribuição das marmitas. Este momento começava com a montagem das Marmitas que era logo após o almoço com as freiras e as colaboradoras. Quando eu não estava na linha de montagem, estava preenchendo as caixas com as marmitas e as levando para próximo do portão e as dispoendo da melhor forma para que as voluntárias pudessem entregá-las aos Filhos Prediletos. Mas até o horário de abrir, as pessoas que estavam aguardando as marmitas, ficavam constantemente interfonado para as freiras se elas já iam abrir, o qual seria o horário, teve uma vez que uma pessoa interfonou 5 vezes e fez a mesma pergunta em cada vez. Esse tipo de situação ocorreu em todos os dias que estive realizando o campo, e era algo que deixava as irmãs bem chateadas e incomodadas. Essa ansiedade é um sentimento que vai estar presente no relato quando se tratar sobre algumas pessoas atendidas pela Fraternidade.

As voluntárias sempre se dividiam em aquelas que iam fazer a entrega das marmitas e outras que iam adiantando a limpeza da cozinha e da louça. As irmãs também seguiam essa divisão, só que não era fixo o papel de cada uma, só das voluntárias. A Voluntária que estava à frente da cozinha, sempre solicitava a minha presença nas entregas de marmitas e que ficasse até ao final junto delas. No começo das entregas das marmitas eu fico distribuindo os copos para servir o suco à todas as pessoas ali presentes. Mas mesmo terminando de servir a bebidas, a minha presença era solicitada. A impressão que me passava era que a minha figura, por ser grande e também masculina, passava uma determinada segurança para aquelas senhoras que estavam atendendo um público que era majoritariamente masculino. Um público que quase todos estavam ansiosos para conseguir sua marmita, poderia existir alguma tensão, como já ocorreu. Em alguns momentos precisei intervir com gentileza em determinadas situações, em que alguma pessoa que estava sendo atendida se exaltou pelo fato de se sentir prejudicada por alguém ter passado na frente ou injustiçada porque supostamente alguém ganhou mais que a outra. Teve uma situação em que alguém se alterou pois havia chegado no último momento em que as marmitas tinham acabado. O caso foi tão

alarmante que outros Filhos Prediletos precisaram intervir na situação, pois a pessoa em questão estava exaltada demais com a senhora que o atendia.

As marmitas sempre são dadas primeiro as mulheres e crianças e a sua maioria é das comunidades ao redor da Fraternita. São poucas aquelas que estão realmente em situação de rua, outras são trabalhadoras ambulantes que ficam nos arredores. A maioria do público frequente são elas, muitas delas são rotos familiares a mim desde 2015. As crianças apesar de ser uma parcela menor tendo uma média de 10 crianças acompanhadas de seus responsáveis, tem uma característica interessante, são todas menores de 6 anos. Mesmo tão jovens, cada uma dessas crianças ganhava uma marmita, menos que elas não comecem tudo no momento, o alimento era levado para complementar as demais refeições. Eu pude perceber que adolescentes meninos menores de 18 anos que também frequentavam aquele atendimento, mas muito poucos e nada constantes, mesmo sendo jovens, eles ficavam na fila juntos dos demais.

A grande maioria do público, como dito anteriormente, é masculino, composto por pessoas não - brancas (colo esse termo por existir uma grande diversidade étnico racial dentro público), sendo a sua maioria migrante, principalmente de outros países (mas pode ser o momento, pois em pesquisas passadas, o público de migrantes era em sua maioria de outros estados brasileiros). Por ser um público que em sua maioria se renova, havia pouco entrosamento entre eles ou quando tinham eram bem pontuais, ou reencontros de pessoas que não se viam a meses e até se desencontram até chegar na cidade. Então quase todos pegavam suas marmitas e sentavam não muito distantes para conseguir pegar outra ou quando eram avisados que haveria o repeteco, uma parcela tomava seu rumo para outro local. Mas no geral era cada um sentado no seu canto, mesmos próximos um dos outros, havia um sentimento de distância entre eles. Mas mesmo nessa sensação de distância, havia ali uma tentativa de vínculo. Não da permanência, mas de um reconhecimento de suas dores. Alguns contavam algumas histórias para os outros, outros ficavam felizes quando seu nome era recordado. Ocorreu uma situação muito emocionante, quando recordei o nome de umas das pessoas que estavam frequentando recentemente os almoços. A pessoa manifestou uma forte alegria e me abraçou, nos demais dias essa mesma pessoa me cumprimentava com alegria.

A distância se dá pelo contexto de em que essas pessoas se encontram de impermanência, mas ainda assim elas buscam afeto e são carentes dele além de outras questões mais básicas. O acolhimento de suas dores e o reconhecimento do sujeito é algo que várias vezes se manifesta como algo muito importante para essas pessoas,

acredito que seja importante para qualquer um, mas principalmente para pessoas que se encontram nesse contexto. Ocorreram muito momentos em que os Filhos Prediletos, buscam também desabafar suas dores as pessoas que ali atendem, principalmente para as religiosas e a voluntária que está a frente da organização de toda essa função. Mas três histórias me chamaram atenção: A primeira história era de uma mãe acompanhada de seu três filhos pequenos, contava que estava na quarta gravidez e que era de risco, escondendo as lágrimas para que seus não a vissem chorar; O segundo era de um senhor já quase no fim de sua meia idade, chorava desconsolado no abraço de umas das voluntárias, pois estava com medo de morar na rua, pois seria despejado de sua casa; A terceira história realmente me marcou, uma mulher que era dependente química, desabafava com uma das religiosas que ela conseguia droga se prostituindo, mas ela não chorava ou tristeza, mas expressava um sentimento que estava conformada sobre sua situação, como houvesse outra perspectiva. A terceira história realmente me marcou por conta da forma como a mulher contava o seu relato, como quem aceitasse que já não tinha outra alternativa. Meses depois soube que tentaram assassinar ela, a pessoa que usou do seu serviço sexual, na hora do pagamento, ao invés de dar a droga, deu sabão de soda cáustica e na abstinência a mulher não soube diferenciar acabou usando o produto, por sorte foi socorrida a tempo.

4.3 RELATO DA IRMÃ SUPERIORA

No ano de 2023 havia retornado com a pesquisa de campo, com o intuito de tentar entender qual era o impacto do trabalho da fraternidade na vida de seus donatários em relação ao município de Foz do Iguaçu. Como já foi comentado, com o devir do processo etnográfico e da vida em si, esse tema de pesquisa mudou. No entanto, trago a entrevista com a Irmã Superiora daquele ano, pois o relato tem muitas problemáticas parecidas com aquelas expostas no tópico anterior pelas freiras. Antes de ir direto ao relato em si, acredito ser necessário compartilhar um anseio que tive na realização da pesquisa de campo, pois todos os antropólogos e pesquisadores de outras áreas passam por muitas inseguranças em relação ao primeiro contato e a abordagem com os locutores.

A Fraternidade “O Caminho” foi foco das minhas pesquisas na graduação, principalmente no TCC, mas toda a realização desses estudos foram pré-pandemia do COVID-19 e até mesmo na época de suas realizações eu já tinha o contato prévio com os

religiosos. Após quase quatro anos sem contato com a comunidade da Fraternidade, foi um estranhamento muito forte para mim, pois havia ocorrido muitas mudanças, não somente dos religiosos que ali moravam, mas toda a dinâmica de funcionamento das ações da instituição. Então me vi pela primeira vez em uma ansiedade para o primeiro contato, medo e inseguranças foram sentimentos que estiveram bem presentes, o que acabou adiando a minha aproximação ao campo em mais de uma ocasião. O principal sentimento era de receio delas não aceitarem realizar a pesquisa comigo ou, caso contrário, esta não fluir pelo próprio estranhamento dos interlocutores com um pesquisador analisando o seu dia-a-dia.

O sentimento de insegurança se esvaiu no momento que fui atendido pela Irmã Superiora que estava à frente da casa daquele corrente ano, me recebendo com muito afeto e hospitalidade. A maioria dos religiosos da Fraternidade são muito solícitos e acolhedores, são poucos aqueles que se fecham, isso faz parte da conduta religiosa. Mas a irmã superiora, apesar de ter solicitado alguns dias para pensar se aceitaria a realização da pesquisa, não demorou muito para ter o “OK” e dar início a mesma. Havia um interesse por parte dela em divulgar o trabalho da instituição, mas o interesse teria da parte de qualquer um que tivesse a oportunidade de ter o seu trabalho exposto em uma pesquisa científica.

Durante a elaboração do roteiro de perguntas para a entrevista que iria ser feita com a Irmã Superiora, procurei evitar perguntas que caíssem no discurso pronto sobre a instituição e suas ações ou em conjecturas curtas e sem muita elaboração. A solução foi desenvolver a entrevista como uma conversa, comecei me apresentando, não somente para “quebrar o gelo”, mas que a entrevistada também pudesse perguntar sobre o pesquisador e com isso puxar outros tópicos de interesse. Mas, o que mais chamou a minha atenção nessa entrevista foi que a entrevistada mostrou interesse sobre o porquê de algumas perguntas, particularmente, ela achou interessante o fato de trazer reflexões sobre sua família e seus pais.

Partindo para o relato em questão, a Irmã Superiora é natural da cidade de Itamaraju, no interior do estado da Bahia. Tendo uma família tradicionalmente católica e numerosa, era a neta mais velha do filho mais velho de seu avô, e por consequência foi sempre tratada como a referência dos primos, coisa que fazia ela se sentir muito privilegiada. Apesar de numerosa, ela comenta que a família é muito acolhedora, até mesmo com aqueles que eram considerados “problemáticos”, que eram os seus tios que tinham problemas com o álcool. Além disso, o seu relato diz muito como foi a educação

da família que a direcionou para a vida vocacional religiosa. A família para a Irmã Superiora é um ponto de muita importância em sua vida.

Minha família é grande, eu amo família grande, amo casa cheia, meu pai é um dos filhos do primeiro casamento do meu avô, então meu pai tem muitos irmãos, meu avô é falecido, então meu pai é o filho de referência, assim, como se estivesse ficado no lugar do meu avô. Então, todos os sobrinhos que antigamente íamos para a casa do meu avô no final de ano, para a festa, agora eles vão para a casa do meu pai. Então, meu pai é muito tranquilo, minha mãe que fica brava, porque ela é agitada, porque quer as coisas na hora o meu pai é sossegado, de boa, “tá bom, eu vou fazer”. No tempo dele, minha mãe não, minha mãe é diferente. Minha mãe também é a filha mais velha do meu avô, de muitos filhos, meu avô materno teve muitos outros filhos, inclusive eu tenho um tio de 6 anos de idade.[...] e eu gosto disso, assim, porque e eu sou muito família, eu gosto da família, eu gosto de estar perto, eu gosto de fazer coisas juntos, eu gosto de natal junto, eu gosto de tudo que possível com família, é agradável pra mim. família me atrai mesmo, sentido família ali, tá com mãe, tá com pai, tá com tio, tá com então, e ainda mais a minha família, que a gente tem um convívio muito sadio, né, não, lógico que tem brilhos, claro, de qualquer família, óbvio, mas, é, todos somos muito unidos, assim, e como eu sou a neta mais velha dos meus avós, a sobrinha mais velha dos meus tios, então, assim, já tinham sobrinhos, mas não tinham sobrinha, então, eles queriam muito uma menina na família.

A família é uma instituição muito importante na formação da fé cristã em geral e para a Irmã superiora foi a partir de uma educação dentro da fé católica que o convívio familiar teve uma outra dinâmica: o pai dela teve uma melhora enquanto um indivíduo e sua mãe que já era “fervorosa” se afirmou mais dentro da rotina da igreja. Esse arranjo foi o que impulsionou a decisão da Irmã Superiora em se tornar uma freira, mas o ponto exato para esse “chamado” foi quando sua irmã mais nova começou a seguir a vida religiosa dentro da Fraternidade.

E ela era acompanhada por uma outra comunidade que tinha na nossa cidade e ficou até os 14 anos, conheceu a fraternidade e começou o acompanhamento com as irmãs da fraternidade comigo. E depois que ela entrou nessa vida religiosa, as irmãs começaram a ir com muita frequência na minha casa.[...] Por exemplo, eu entrei com 22 anos na vida religiosa. Meu Deus, eu pensei que eu ia perder a minha juventude. Não, eu gosto de dançar, eu gosto de ser feliz, eu gosto de ter a minha liberdade, eu gosto de viajar. Então, eu entendia que eu ia passar a minha vida dentro de um lugar fechado, sem poder viver, sem poder ser feliz. Então, depois que minha irmã entrou na vida religiosa, as irmãs começaram a ir em casa, e eu tinha essa visão de que eu ia perder. Meu Deus, coitadas. Só que as irmãs chegavam com uma felicidade tão grande na minha casa que eu ficava, meu Deus, como pode? Elas não têm nada e são tão felizes. [...] Então, eu olhava para aquelas mulheres, meu Deus, como pode? E eu entendia que elas não podiam fazer nada. Até um dia, que eu estava jogando dama na sala, com meu irmão, e chegam as freiras na minha casa. Elas passam por mim e por mim e me falam Ah, eu vou jogar dama com vocês. Naquele momento, o meu mundo parou. Aí eu falo, “meu Deus, como assim a freira vai jogar dama? Que absurdo”. Aí eu falo, “mãe, como é que pode? A freira disse que vai jogar dama”. Ela, “o que tem? Ela vai

brincar com vocês”. [...] Aí minha visão se abriu. Falei, meu Deus, ela pode jogar dama. Não tem problema em jogar dama. Ela não está errando se ela jogar dama. Aí eu fui vendo que... Aí eu fui me aprofundando mais. Comecei a visitar a casa das irmãs. Comecei a entender o serviço. Comecei a entender o trabalho dela. E aquela liberdade me atraiu. Aquela alegria me atraiu.

A liberdade é um tema muito recorrente no discurso da Irmã Superiora, buscando refletir sobre como o seu estilo de vida não priva de determinadas vivências, segundo ela é ganha um novo sentido a partir de uma noção de santidade. Essa noção da santidade irá aparecer em outros momentos do relato da irmã, não só por uma busca pessoal da religiosa, mas de compartilhar ela com os demais. Segundo a irmã Superiora essa noção é: “Pra gente a santidade está em fazer bem feito aquilo que é proposto pela comunidade. Se eu sirvo bem os filhos, se eu rezo bem as minhas orações, se eu sou uma boa irmã, né? Se eu sou compreensiva, se eu sou harmoniosa. E isso é a santidade, né?”.

Existem muitos elementos dentro dessa noção que se entrelaçam, mas basicamente é um direcionamento moral de determinadas diretrizes religiosas, que é a caridade (servir os filhos), a obediência (ser uma boa irmã) e a adequação (ser harmoniosa). A questão da adequação é muito interessante, pois aparece quando a freira trata sobre liberdade, “posso dançar de forma santa”. Para ela existe a liberdade, pode-se fazer o que quiser, desde que ela esteja adequada ou conformada dentro da lógica católica. Muitos religiosos utilizam um termo que não aparece na entrevista, mas no entanto traduz muito essa ideia, “viver no mundo, mas não ser do mundo”. Essa ideia será retomada mais para frente no próximo capítulo, quando tratarmos com mais profundidade os movimentos religiosos carismáticos.

eu tenho um carinho muito, muito grande pelos filhos, não porque eu sou... dou carisma, né? E a gente tem esse trabalho social. Mas eu costumo querer ser amiga mesmo. E tem algumas que a gente acaba criando uma afeição. No meu primeiro ano, que foi governador Valadares, eu era aspirante lá, morei um ano. Então, aí é um processo formativo, a gente morou com filhas dentro da nossa casa. Filhas de modo muito particular, acho que a gente teve umas quatro, e a mais grávida do que tudo pra nossa casa. Filhas que estavam em situação de rua mesmo, e a equipe de abrir pra ter o filho. E a gente ver a criança crescer, a gente poder participar, ver a primeira palavra. Isso ficou marcado pra mim no meu processo formativo, né? E, meu Deus, a gente tá ajudando duas vidas. Duas vidas, e isso marcou. Então, no meu segundo ano, que eu morei em BH, meu Deus do céu, tinha uma filha muito especial pra mim, Paulinha. Meu Deus do céu, e ela morava debaixo da ponte. Literalmente, debaixo da ponte. Ela tinha uma barraquinha lá. E eu ia lá visitar ela, ia lá conversar com ela. E a gente conversava, e a gente ria. Porque não tem como mostrar pro outro que não é essa a diferença. Nem mesmo uma religiosa, eu sou superior a você. Não, muito pelo contrário. Esse é o desejo do meu coração, mostrar pro outro que não há diferença. A mesma dignidade que eu tenho, você também pode ter.

Neste relato da entrevista, eu pergunto à irmã sobre a trajetória dela dentro da fraternidade. É interessante notar que, num primeiro momento da resposta dela, o que se destaca não são detalhes de carreira religiosa, mas sim o processo mais emotivo de construção de vínculo com diferentes pessoas, a relação de sentir que ajuda o outro. A irmã Superiora destaca o impacto que ela tem na vida de outrem e, no mesmo sentido, a influência dessas relações na vida dela, motivando-a cada vez mais a seguir nesse caminho missionário. Outro ponto interessante é que, na perspectiva da entrevistada, essas interações vão muito além de uma simples troca entre doador-donatário, elas se constroem como laços de amizade em geral sempre lembrando dos nomes das pessoas assistidas.

A irmã comenta em outro trecho da entrevista que a sua relação com os filhos prediletos, vem antes do carisma, cuidando de seus tios que tinham problemas com o álcool que eram tanto do lado materno quanto paterno. De passar a noite em claro com um dos tios, vigiando que não beba álcool ou de constante vendo com o outro tio, se havia tomado seus remédios ou se hidratado. O referencial no qual cresce dentro de casa, como uma ação de cuidado e de humanização, se consolida no estilo de vida missionária da Fraternidade “O Caminho”. A Irmã Superiora continua seu relato sobre sua trajetória.

Eu morei no interior de Cascavel, na Penha, distrito de Corbélia. Morei um ano também ali. Ali é um ano mais recluso, né? Um ano que a gente tem de formação mais intenso. A gente costuma dizer que é um ano que a gente toma decisão de permanência, de não permanência. Que até os dois primeiros anos é um ano mais formativo, pra você ir conhecendo o carisma, pra você entender. E nessa fase é uma fase muito comum que se saem as meninas. Olha, eu gosto do carisma, mas não é exatamente na vida religiosa que eu me encontro. Vou continuar na comunidade, mas eu posso ser leiga, eu posso ser missionária. Então, nesse ano de não viciada, é o ano que a gente se aprofunda mais em uma vida de oração, conhecer mais a Deus, conhecer mais a nós.[...] Depois existe o ano que é o não noviciado apostólico, é o quarto ano [...] Na minha época, a gente ainda ia pras missões. Agora, existem casos de formações também pro ano apostólico.

Na Fraternidade existem quatro expressões de vocações que são: leigos associados, religiosos, religiosos de vida contemplativa e sacerdotes. Uma explicação breve, leigos associados são aqueles participam e colaboram com as ações da fraternidade, mas não assumem a vida religiosa. Aqueles que seguem a vocação da vida religiosa buscam se tornar um frei ou uma freira, que abdicam de alguns estilos de vida para se dedicar integralmente à causa da Fraternidade. A vida contemplativa são religiosos que buscam se dedicar integralmente às orações e aos estudos bíblicos. Por

fim, a vida sacerdotal é para aqueles religiosos que desejam se tornar padres e ministrar missas.

A Irmã relata um pouco sobre o processo formativo religioso dentro da Fraternidade, que dura 4 anos até o momento dos votos religiosos. Na cidade de Governador Valadares - MG ela esteve no “*aspirantado*”, na Capital Belo Horizonte - MG era como “*postulantado*”, já cidade de Corbélia - PR vivenciou um ano o “*noviciado*” recluso para depois estar no “*noviciado apostólico*” a onde o vivenciou em Teresina capital do Piauí, e por fim professar o votos. A Irmã Superiora no ano da entrevista tinha oito anos de vida religiosa, metade desse período foi de intensa formação e migração. É uma característica também da vida religiosa estar em constante migração, ficando em média dois anos em cada missão, já ocorreram casos de alguns irmãos permanecerem quatros anos em uma missão. Mas a Irmã relata que o lugar que mais marcou ela foi em Teresina, onde viveu quatro anos na vida religiosa e o lugar que tem muito carinho e lembranças das pessoas que assistiu:

Morei quatro anos no Piauí, e lá eu pude também ter grandes amigos. Fora os filhos, tinha um que era Francisco, conhecido como Latinha na rua. Então, ele era... dava pra perceber que ele tinha tido uma vida, e ele começava a contar... “Ah, não, minha ex-esposa ainda tá presa, [...] foi porque a gente... homicídio, não sei o quê” [...] E ele contava, parecia ser uma pessoa muito perigosa. Mas, assim, não sei [...] temos diferença, não importa o teu erro, o que importa é a tua pessoa. Pra mim, pouco importa o que você fez, tá aqui pra trás, a gente pode ser amigo. Então, ele se tornou um grande amigo meu, a gente ia conversar, ele ia lá pra casa, ele gostava de miojo, tava em situação de rua, às vezes ele ia fora da hora, e eu ia lá e falava, “irmã, faz aí, irmã, miojo”. E ele gostava de pimenta, e eu dava pimenta pra ele. A gente criou uma afeição [...] E aí, ano passado, foi ano passado, ele faleceu. Nossa, foi triste pra mim, fazia tempo que eu não via ele, que ele saiu, ele morava perto da minha casa, acho que ele aprontou na região, aí teve que ir pra longe. Então, eu procurei ele, quando eu fiquei sabendo, ele tinha falecido, porque o coração dele tava crescendo. Tive nem tempo de dar tchau pro meu amigo.

Apesar dos relatos serem longos, acredito ser necessário colocar na íntegra, pois expõe muito da subjetividade da Irmã. Francisco é uma das pessoas que marcou a trajetória da Irmã Superiora, irei expor outros relatos de pessoas importantes que comporam o relato da entrevistada.

E aí, tinha a Tati também, que morava há 33 anos na rua. Teve uma vez, logo quando eu cheguei lá, que eu tava tentando me aproximar dela, assim, tem uma atração pelas pessoas mais difíceis. Um dia eu sentei na porta da igreja, “bora conversar, quer ajuda?”. “Tati, bora pra chácara, não sei o quê?”. (A Tati) “Já moro há trinta e tantos anos na rua, não sei o quê!”, falando, né, a vida dela, promiscua que ela tinha na rua. E ela sentando do meu lado, conversando, ia passando a mulher na nossa frente. Ela simplesmente levantou do meu lado, puxou o cordão

da mulher, jogou dentro da boca, e saiu, a mulher saiu correndo, ela roubou a mulher na minha frente. Aí ela, “me desculpa aí, irmã, não sei o quê”. E aí, ano retrasado, eu tive a graça de conseguir levar a Tati pra um chácara, e ela ficar seis meses sem usar droga. Nossa, isso pra mim foi a maior graça, e quando eu disse pra ela, irmã, eu quero ir embora, mas eu quero permanecer pelas senhoras, porque a senhora acreditou em mim, a senhora acreditou em mim, eu não quero te decepcionar, a senhora acreditou em mim. E, meu Deus do céu, quando eu saí de lá, em Teresina, ela não tava mais na chácara, mas ela tinha conseguido uma casinha no interior, aí foi pra ela, foi ela e o parceiro dela pra essa casa. E tava tentando levar a vida, de vez enquanto eu ia lá, levava cesta básica, levava uma coisa, levava outra.

Interessante perceber que a Irmã Superiora em seu relato, enfatiza muito a relação carinhosa com as pessoas que ela assistiu, mesmo tendo saído de Teresina, ela ainda tenta manter contato com essas pessoas. No caso de Francisco, ela lamenta por não ter conseguido se despedir dele após o seu falecimento, mas para aqueles que ficaram, têm uma procura por manter o vínculo, algumas mais constantes que outras. Como no caso do José Armando, um jovem que na época da entrevista tinha 23 anos, que ligava sempre para a Irmã Superiora.

Tem um filho que ele me liga até hoje, o José Armando. Eu penso que ele tem um problema mental, assim, não tão grande, mas ele tem um certo distúrbio. Ele morava numa casinha, ele tinha uma casinha do governo, mas ele morava na rua. [...] Armando fez esse retiro, começou a participar com a gente da comunidade, foi morar nessa casinha, e a gente ajeitando ele. Só que aí, o ano passado, quando saiu a minha carta de obediência... [...] Carta de obediência é onde... é uma carta que a gente já sabe, todos os nossos superiores informam se eu vou continuar ou não na missão, se eu vou ser mandado pra uma outra missão, e a minha foi pra vir pra cá. Quando ele ficou sabendo, e aí ele vendeu a casa dele, sem ninguém saber, por cinco mil reais, porque ele é analfabeto, ele não sabe. Cinco mil reais. E aí ele achou que eu já viria, né? Só que não, eu vim só em janeiro. E pra ninguém saber que ele vendeu a casa por conta disso, ele ficou em um motel. E esses cinco mil reais em um motel? Evaporou. E aí ele, quando eu vim pra cá, ele confessou que vendeu a casa. Não, eu tô morando na rua. Não, como assim você tá morando na rua? É tua casa. Aí ele, não, irmã. Quando eu vi que a senhora ia embora, aí eu vendi minha casa porque eu ia atrás da senhora. Ah! Verdade. E aí o José Armando voltou a morar na rua, mas tá estudando, voltou a estudar, de forma integral, por causa da comida. Ele não é usuário de droga, não. os pais vivem em situação de drogadição. Enfim, foi criado na rua, né? E aí o Armando tá lá, me liga todo dia, que Deus dá. Mas eu não atendo todo dia, porque nem sempre eu posso parar pra conversar. “Armando, não ligue todo dia. Vamos marcar o dia de você ligar. Armando, tá bom aí? Eu converso com você”.

O relato sobre José Armando trás alguns pontos interessantes. Um deles é sobre o processo de migração dos religiosos a partir da “*Carta de Obediência*”, onde os superiores dos religiosos irão decidir a permanência ou não dos religiosos em uma determinada localidade e para qual será o próximo local que irá exercer a vocação missionária. Outro é a perspectiva sobre o próprio José Armando, apesar da Irmã

Superiora relatar que tem muito carinho e de contar essa história inusitada dele vender a casa para ir atrás dela, existe também aí um desabafo. O desabafo se apresenta quando ela relata que José liga quase todos os dias, sendo possível perceber seu desconforto pela demanda de contato. Aqui se alinha um pouco no relato de campo apresentado no tópico anterior, quando as demais Irmãs da Fraternidade, desabafam um pouco do cansaço ou o desconforto sobre determinadas demandas das pessoas às quais elas assistem, colocadas nas devidas proporções. Mas que ainda assim se coincidem nesse limiar do compromisso religioso de estar sempre disponível para atender os Filhos Prediletos e o cansaço individual de lidar com situações desconfortáveis gerados muitas vezes pelos próprios atendidos.

Os três relatos apresentados além de demonstrarem o trato e o afeto que a Irmã Superiora possui com essas pessoas imersas em contexto e problemáticas distintas, se contrastam com os relatos das experiências que a religiosa tem com os Filhos Prediletos em Foz do Iguaçu. Mesmo estando há oito meses na fronteira até o momento da realização da entrevista, a irmã reflete como a maioria das pessoas assistidas pela Fraternidade, buscam se manter distantes, com isso tendo dificuldades para manter vínculos. Segundo a própria, a missão em Foz do Iguaçu está sempre atendendo pessoas novas, são poucos os Filhos Prediletos que são constantes. Que diferente em outras cidades que viveu, onde a população assistida era quase que a mesma e rotineira.

Eu penso que lá (Teresina) os filhos têm mais regras do que aqui. Por exemplo, aqui na casa das irmãs tentaram entrar lá. Né? Lá, se isso acontece... Nossa senhora... É fatal. [...] Assim, nesse aspecto... E eles respeitam muito a gente. Muito, muito, muito mesmo. Tanto de poder andar na rua e saber que aqueles filhos daquele local ali... Irmã, pode ir tranquila, viu? Qualquer coisa eu estou aqui olhando. Então, isso é muito bom lá, assim, nesse quesito. O trabalho, assim, de realidade de pobre não é como aqui. Aqui tem muito imigrante, tem... Tem uma "rotatória" de filho muito grande. Hoje você está aqui, vem um filho, amanhã ele não vem mais. Ele volta aqui três meses. Ele volta aqui quatro meses. Nesses quatro meses já passou cem filhos diferentes. Então, não se dá para criar um vínculo com eles. [...] E lá (Teresina) tem, mas é muito pouco (imigrante em situação de rua). Então os filhos lá, eu sei quais são os filhos que eu vou encontrar, onde encontrar, se eu não achar ali onde eu vou encontrá-los. Então, lá a gente não morava no centro. Então a gente tinha ali oito filhos que iam na nossa casa todos os dias e que a gente já fechou. Sabia quem era, nome, quando, enfim. Quando estava bem, quando não estava, história, onde morava, em que ponto ficava. E se a gente quisesse encontrar, ia lá e queria encontrar, entende? É diferente nesse aspecto lá.

A irmã traz muito a vivência de Teresina e do Nordeste do Brasil para tentar refletir o contexto em que ela está vivendo naquele momento da entrevista. A questão do vínculo é um elemento que ela dá muita importância na forma de exercer a sua vocação

religiosa. Não é somente dar o alimento, mas é também um processo de reconhecimento daquele indivíduo que está o recebendo. Essa humanização faz parte da espiritualidade da Fraternidade, mas humanizar também é uma ponte de chegar na subjetividade daquele que está sendo assistido, com isso trazer para determinados cuidados ou também para aquilo que a Irmã e o catolicismo entendem por salvação. A Irmã relata com mais profundidade sobre a dificuldade que ela tem de construir esses vínculos com os Filhos Prediletos de Foz do Iguaçu.

Com os filhos de Foz é um pouquinho diferente dos filhos do Nordeste. Aqui tem muito migrante, né, tem muitos filhos de outros países, né, Argentina, Bolívia, Chile, vem muito, Paraguai. Então, assim, não tem uma característica marcante, porque esses são mais peregrinos mesmo, né, tem poucos que são mesmo daqui, assim, que a gente ainda consegue ter um convívio maior, consegue conversar, chamar pelo nome, né, identificar na rua quando vê, mas a maioria dos filhos eles são migrantes, então a gente não consegue criar um laço, né, mas os poucos que a gente consegue criar laços, eles são mais na deles, eu percebo. Lá no Nordeste, o que eu percebo aqui? Que eles tentam não se envolver muito. Por exemplo, teve um dia aqui na frente que uma filha começou a xingar a gente porque a gente não tinha roupa pra dar pra ela e ela falou que queria roupa, queria roupa, queria roupa, que era pra gente dar um jeito que a gente desse o que ela queria. Não, mas a gente não tem, quando a gente tem, a gente dá. E ela, “não, e vocês isso, e vocês são aquilo!” e tinha alguns filhos aqui, e eles não se envolvem. Se fosse no Nordeste, meu Deus do céu, eu tenho dó daquela mulher, porque naquele momento, exatamente naquele momento, ela ia apanhar, entende? [...] cada um por si e Deus por todos, mais ou menos isso. [...] mas aqueles que se deixam mesmo a gente chegar perto, conversar, a gente tem a liberdade de falar, de reclamar, olha, não faça isso, [...] não é assim, não, não vai, entende? A gente tem essa autoridade, assim, quando eles permitem que a gente chegue perto deles e conheça a história, e conheça.

Este trecho do relato tem muitas dimensões, tanto sobre algumas características das pessoas assistidas pela Fraternidade em Foz do Iguaçu, quanto sobre a própria dinâmica de relação entre os próprios assistidos e com as religiosas. Segundo o relato, a maioria dos Filhos Prediletos são imigrantes, não só de outros países, também oriundos de outros estados brasileiros, sendo um público extremamente rotativo e inconstante. Como dito também pela Freira, existem um grupo de pessoas que são constantes nos almoços, mas estas são uma parcela pequena em comparação aos demais. A questão da impermanência como características dos assistidos pela Fraternidade, é algo muito relevante para refletir quando a Irmã Superiora expõem a dificuldade de manutenção de vínculo e o distanciamento. Outro ponto que é muito interessante é quando a Irmã Superiora coloca sobre a questão da “autoridade”, que pode ser entendida em dois aspectos que se misturam. O primeiro é sobre uma perspectiva paternalista, em que a autoridade está aí para impor limites em pessoas tratadas com uma determinada

ingenuidade, para marcar o um “caminho” certo. A outra perspectiva, vai para um viés de gênero, pois são mulheres que precisam também ter um determinado pulso firme, para lidar com um público que é majoritariamente masculino.

5 OUTRAS OVELHAS QUE NÃO SÃO DESTE APRISCO

O presente capítulo pretende refletir sobre os dados apresentados anteriormente, e encontra-se dividido em três tópicos partindo de três perspectivas: primeiramente o olhar dos doadores, seguido por uma reflexão sobre a perspectiva dos donatários e finalmente a minha própria elucubração enquanto pesquisador. A princípio, cada um desses tópicos irá propor uma reflexão de cada uma dessas perspectivas no contexto de relação a partir das ações proporcionadas pela Fraternidade "O Caminho". Os dois primeiros tópicos teriam algumas perguntas que nortearam a discussão. O último tópico será uma reflexão tentando conectar ambas as reflexões.

5.1 DOADORES

Em todo o relato etnográfico e na entrevista com a Irmã Superiora, foi possível perceber alguns pontos que podem gerar múltiplos questionamentos, mas gostaria de focar nas ações concretas e até mesmo nas impressões dos doadores sobre os Filhos Prediletos, antes de mais nada. Sendo assim, quais são as expectativas das pessoas presentes no corpo de voluntários para com as ações que a Fraternidade proporciona? Os dados que irão tentar responder essas inquietações partem da conversa com a Irmã Superiora e diferentes diálogos que se desdobraram com servidoras e religiosas durante as observações participantes.

Para fins didáticos, as expectativas que observei durante a análise destas interações serão organizadas em duas grandes subdivisões: as expectativas de carácter religioso-espiritual e as de carácter prático-social. Se bem estas não se encontram isoladas (as expectativas e ações diretamente ligadas com algum fundamento religioso têm alguma aplicação social e aquelas planejadas como uma ação direta tem algum tipo de justificativa ou fundamento religioso) é interessante analisá-las por separado para conseguir aprofundar na discussão de forma o mais clara possível. Além disto, será a partir destas reflexões que partirei para me aprofundar sobre a discussão teórica de conceito de religião.

Primeiramente, é importante contextualizar o que eu chamo aqui de “expectativas de caráter religioso”: pretendo colocar nesta divisão as opiniões, desejos ou (mesmo sendo redundante) expectativas que a irmã superiora, as outras religiosas com as que conversei e as voluntárias têm dentro dos serviços e trabalhos realizados ou dentro da vida cotidiana. Com alguma ligação direta com uma doutrina própria da instituição ou com algum parâmetro de Carisma¹¹ ou cosmovisão religiosa. Sendo assim, acredito que um primeiro exemplo claro de uma expectativa religiosa dentro do estudo de campo é a ideia de *santidade* expressa na entrevista com a Irmã Superiora e que permeia de forma mais sutil algumas interações com outras freiras. A ideia de santidade é um conceito profundamente espiritual e, por consequência, muito etéreo, inespecífico, mas que dentro do contexto desta investigação toma uma forma mais concreta nas palavras da Irmã Superiora dentro do segundo capítulo:

Pra gente a santidade está em fazer bem feito aquilo que é proposto pela comunidade. Se eu sirvo bem os filhos, se eu rezo bem as minhas orações, se eu sou uma boa irmã, né? Se eu sou compreensiva, se eu sou harmoniosa. E isso é a santidade, né?

Retomando aquilo o que foi refletido no capítulo anterior, esta fala é atravessada por vários princípios e valores católicos e aqui se traduz também como uma *expectativa* de comportamento dentro dos diferentes trabalhos realizados. A Irmã Superiora e, por consequência, as religiosas da instituição procuram comportar-se de certa forma porque é o *esperado* delas. Dito de outra forma, observo que *ser santa*, a *busca da santidade* se traduz não só na devoção religiosa do dia - a - dia, mas nas ações dentro dos próprios trabalhos práticos. Se as irmãs servem com paciência, com simpatia e com diligência, isto é em parte uma confirmação da expectativa que elas têm de buscarem ser santas, de emular os passos de figuras de referência. Sendo assim, uma das expectativas que fica intrínseca dentro da realização dos trabalhos de caridade da Fraternidade é a possibilidade de viver essa procura da santidade.

Retomando as noções de *sagrado* e *profano* do Durkheim, mencionadas no primeiro capítulo, podemos refletir que esta série de expectativas e comportamentos demarcados por essa vontade de perseguir uma vida de santidade a partir do *sagrado*, podem, de certa forma, se encaixar numa lógica de tentar *sacralizar o cotidiano*. Dentro

¹¹ Aqui é importante ressaltar que utilizo o termo *carisma* enquanto objetivo da instituição e diferentes formas de expressar a espiritualidade ou religiosidade. O contexto específico da definição de carisma para a Fraternidade O Caminho encontra-se no primeiro capítulo.

da lógica do autor, existe uma oposição entre esses dois conceitos, por um lado o sagrado da igreja, por outro lado o profano do mundo. Sendo assim, por meio do trabalho de caridade, da lógica por trás da dedicação e da força motriz de viver essa vida santa por meio dessas ações, as irmãs “furam a bolha” restrita da comunidade de religiosas, voluntários e fieis, levando uma forma de viver que elas enxergam como *santificada* para a *cotidianidade* profana dos filhos prediletos.

Para além das freiras, esta noção de expectativa religiosa acaba afetando a comunidade de leigos e voluntários, se bem esta influência encontra-se num outro nível de profundidade. Entre a equipe de voluntárias (e talvez numa percepção um pouco mais *macro* dentro da ideia de comunidade católica) observo que a noção de expectativa religiosa se traduz num senso coletivo de serviço de caridade dentro da lógica de um *bom samaritanismo*. O trabalho voluntário, os diferentes serviços, a caridade em si toma a forma de um processo de troca espiritual: “eu amo o meu próximo porque Deus me ama”, “sou paciente porque o Senhor teve paciência comigo” e assim por diante. Essas noções aparecem também no relato do Frei mencionado no primeiro capítulo e no próprio discurso institucional divulgado no site da Fraternidade.

Outra expectativa religiosa que engloba de forma clara certas bases do carisma que permeia a comunidade já foi mencionada no primeiro capítulo: a ideia de ser “Jesus todo e todo de Jesus”. Esta máxima abrange a noção de uma entrega total a Cristo (e, por consequência, a Deus e a igreja seguindo a noção da Santíssima Trindade) e também uma motivação para enxergar a “face” do sagrado escondida por detrás dos rostos daqueles que são atendidos. Dito de outra maneira, há no trabalho comunitário de caridade uma vontade de atender uma expectativa de graça divina. Partindo destas expectativas religiosas, irei conceitualizar mais detalhadamente a ideia de *religião* em si, aderindo ao conceito do antropólogo estadunidense Clifford Geertz no livro “*A interpretação das culturas*” (Geertz, 2008). Cabe mencionar que o estudo sobre a religião é um campo imensamente amplo dentro da antropologia e outras ciências sociais, o que faz com que tenha uma grande quantidade de linhas e pesquisadores estudando sobre ela. No caso desta investigação, a definição do Geertz me pareceu adequada para a discussão em questão e não pretendo me aprofundar analisando como a Fraternidade se encaixa em múltiplas definições de religião, pelo qual mantenho somente uma fonte em prol de manter o foco da discussão. Segundo o Geertz, religião pode ser definida como

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.(GEERTZ, 2008, p. 67)

É interessante notar como, mesmo sendo uma definição curta e clara, Geertz acha necessário subdividi-la em diferentes pontos, mostrando de forma didática a complexidade do estudo de um conceito que pode parecer simples, mas com camadas que lhe conferem profundidade. Passarei então a tentar comentar com mais detalhe cada um dos cinco pontos que aparecem nesta definição. Primeiramente, o autor coloca a religião como um *sistema de símbolos* e neste sentido Geertz está se referindo a um conceito dentro da escola da Antropologia Interpretativista. Dentro desta escola, qualquer *símbolo*¹² ou *signo* não pode ser entendido por ele mesmo nem de forma isolada. Isto quer dizer, os símbolos não se definem dentro de narrativas *universais*, mas se constroem como interpretações específicas e muito heterogêneas, dependentes de diferentes ambientes culturais. Sendo assim, o fato da religião ser compreendida como um sistema de símbolos faz com que ela seja uma *organização de definições* para diferentes signos, na qual esse determinados elementos simbólicos possam ser uma perspectiva dessa rede.

O segundo ponto coloca a religião como criadora de *disposições* e *motivações*, o que se conecta diretamente com o primeiro ponto: o conjunto de símbolos cria diferentes disposições e motivações para aqueles que pertencem a este universo cultural. Como especificado pelo autor, estas motivações são *poderosas, penetrantes e duradouras* e podem ser pensadas como uma força específica que condiciona diferentes formas de atuar. Continuando, o terceiro ponto colocado por Geertz coloca a religião como uma fonte de *formulação de conceitos de ordem geral*, o que condiciona as motivações mencionadas e, ao mesmo tempo, parte delas, construindo convicções de factualidade (como mencionado no quarto ponto).

Finalmente, dentro de um determinado sistema (uma religião), diversas motivações e disposições se constroem como algo realista e com sentido. Se bem uma primeira noção do conceito se constrói partindo destes pontos, Geertz aprofunda ela num próximo capítulo do mesmo livro, adicionando as ideias de *ethos* e *visão de mundo*, que são importantes para este trabalho também. Segundo o autor

¹² Neste contexto, a palavra símbolo representa qualquer objeto, ícone ou iconografia, entre outros.

Na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo "ethos", enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo "visão de mundo". O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas ideias mais abrangentes sobre a ordem. A crença religiosa e o ritual confrontam e confirmam-se mutuamente; o ethos torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica. (GEERTZ, 2008, p. 93)

Sendo assim, a religião pode ser pensada como uma construção social que permite uma relação profunda entre o *ethos* e a *visão de mundo* de um grupo, criando uma interdependência dinâmica e um processo de retroalimentação entre ambos. Por um lado, o ethos são os aspectos de *morais*, um conjunto de regras que demarcam a maneira na qual deveríamos atuar no mundo, enquanto a *visão de mundo* se refere a uma esfera mais cognitiva, de como o mundo que nos rodeia nos afeta e de como nos sentimos culturalmente em relação a ele. Dentro da vida religiosa (seja como frei/freira, como voluntário ou como membro da comunidade) o ethos é muito claro: a doutrina espiritual e as interpretações próprias da Fraternidade, são exemplos dentro do contexto desta investigação.

Já no referente à visão de mundo, esta encontra-se atravessada por experiências e aspectos ligados diretamente com o serviço e a espiritualidade, o amor ao próximo e outros processos emocionais dentro da lógica da caridade cristã. Voltando a mencionar a ideia de ver a "face de Deus" no rosto do pobre, se constroi uma ótima representação do ethos e a visão de mundo funcionando de forma simbiótica: o serviço para aqueles que se encontram numa situação de vulnerabilidade social, segue um ethos de bom samaritanismo, mas tem também um fundo de adoração ao divino, já que o ato de serviço funciona ao mesmo tempo como um vínculo direto ao Divino que se manifesta escondido na face do irmão menos favorecido. Sendo assim, pode-se entender a ideia de expectativa religiosa dentro do contexto de ações realizadas pela Fraternidade que estão ancoradas na ideia de cumprir os desígnios da religião dentro de um processo no qual ela corrobora e alimenta a fé.

Passando para a segunda categoria, irei contextualizar aquilo que entendo por expectativas de caráter prático. Dentro desta esfera, vejo por sua vez dois aspectos: por um lado, a preocupação mais logística do serviço, referente a qualidade e

variedade das marmitas, a disponibilidade de garrafas de água para distribuição ou a possibilidade de entregar roupas, entre outros serviços direcionados para tentar atender o mínimo das necessidades básicas dos filhos prediletos; por outro lado, há uma série de expectativas de cunho afetivo, referente à construção de um vínculo mais estreito com os donatários dos serviços a fim de construir uma via de comunicação mais profunda, que pode ser útil caso seja necessário ou desejável encaminhá-los para outros serviços de apoio, como o Sede Sóbrios ou as chácaras de reabilitação para pessoas em situação de dependência química.

Em relação ao primeiro ponto, as expectativas práticas são muito concretas e facilmente notáveis ao longo das observações participantes. Dentro do serviço do almoço, o grupo de voluntárias está bem organizado e todas compreendem com clareza os parâmetros esperados em relação à organização, qualidade e quantidade da comida servida. Alguns exemplos dentro das expectativas práticas relacionadas a questões mais logísticas do serviço poderiam ser: a pontualidade do serviço (o que inclui exatidão e agilidade no preparo prévio e na limpeza posterior), a organização da fila (servindo mulheres e crianças primeiro) e o controle da quantidade de marmitas (tentando garantir que todos aqueles que são atendidos consigam comer antes de entregar uma segunda porção). É importante destacar que, neste caso, foram mencionadas expectativas relacionadas a *um único serviço* (o almoço), mas são um denominador comum em outros trabalhos da Fraternidade. Os religiosos e voluntários procuram, sempre que possível, manter um padrão de organização homogêneo entre as suas ações para alcançar o fim de servir o mínimo de dignidade para essas pessoas.

Dando sequência para as expectativas práticas relacionadas à construção de vínculos entre doadores e donatários, é interessante começar notando que, tanto nos relatos de observação participante quanto na entrevista com a Irmã Superiora, existe uma certa frustração que parte da dificuldade que determinadas realidades dentro da cidade de Foz do Iguaçu. Poderia se dizer que um dos grandes objetivos das religiosas é estabelecer um vínculo com os Filhos Prediletos que estejam além de simplesmente entregar roupa ou comida, procuram um vínculo afetivo, que permita acessar a intimidade desses donatários e garantir a assiduidade deles aos serviços. Porém, observa-se uma inconstância muito grande dentro do grupo atendido, por um lado pelo volume de pessoas itinerantes dentro da cidade (migrantes, trabalhadores informais, estudantes de baixa renda) e também por uma certa impessoalidade entre os atendidos. Sendo assim, o veículo de comunicação necessário para “trazer para dentro” da comunidade as pessoas

que são atendidas não acontece e, além disso, existe um clima de desconforto entre as religiosas que se sentem muitas vezes “cobradas” para realizar um serviço ou paliar uma necessidade, acabando em situações onde acabam recebendo ofensas ou xingamentos caso a expectativa dos donatários não seja atendida.

É interessante discorrer sobre este último ponto aprofundando em algumas memórias que tenho sobre a própria instituição. Tomando como base as minhas observações, acredito que, em partes, a sensação de impessoalidade e certas dificuldades de comunicação entre as freiras e os Filhos Prediletos podem estar sendo agravadas pela própria logística atual do atendimento. Até o ano de 2020, o serviço do almoço realizava-se dentro da casa, aqueles que eram atendidos adentravam na Fraternidade, sentavam-se à mesa (ou no pátio se o salão estivesse lotado) e rezavam junto com os religiosas antes de almoçar. Dentro deste contexto, existia uma familiaridade e uma sensação de acolhimento que não é fácil (ou sequer possível) de emular dentro da entrega de marmitas, onde o importante é agilizar o serviço, garantir na medida do possível a porção de cada um e talvez um “repeteco”. As pessoas já não mais adentram fisicamente no espaço, o que parece criar uma barreira na hora de tentar nutrir um vínculo de familiaridade ou pertencimento. Um dos motivos principais na mudança do serviço foram as medidas sanitárias para evitar aglomerações durante a pandemia de COVID-19, mas o serviço de marmitas se manteve posteriormente seguindo a ideia de que o tamanho do espaço físico da Fraternita não comportava o volume de pessoas atendidas diariamente.

Como já mencionado, uma das expectativas práticas principais das religiosas em relação aos trabalhos de caridade é a possibilidade de estabelecer um vínculo de afeto e confiança, tendo desta forma uma via que dá a possibilidade de conduzir alguns filhos prediletos para serviços de atenção mais específicos. Para problematizar mais profundamente estes processos, irei retomar as discussões do sociólogo Reginaldo Prandi sobre a corrente dos movimentos carismáticos no Brasil, mencionados no primeiro capítulo, principalmente no que difere as Comunidade Eclesiais de Base (CEBs) e a Renovação Carismática Cristã (RCC):

No entanto, pouco, muito pouco têm a dizer quando se trata de definir uma atuação política eficaz e uma visão racional sobre a sociedade e, em particular, sobre os problemas relativos à justiça social. Neste campo resumem-se em afirmar que mudando o indivíduo o mundo social automaticamente se transformará. O depoimento de um informante é, sob este aspecto, emblematicamente revelador desta cultura moderna (auto) centrada no indivíduo: “A Teologia da Libertação queria mudar o mundo a partir do social. Na RCC o

mundo muda quando sou mundo”. (NETO, 1998, p. 252, *apud* PRANDI, 1997, p. 174)

Esta reflexão do Prandi se faz importante para comentar certos aspectos que observei no meu tempo acompanhando a Fraternidade O Caminho, conectando-as com alguns pontos levantados no primeiro capítulo. No começo do trabalho identifico a própria instituição numa afinidade com ideias e liturgias próprias de alguns movimentos católicos carismáticos. É interessante ressaltar que a lógica da Fraternidade O Caminho por si mesma encontra-se inserida dentro de realidades que se conectam muito profundamente com o *modus operandi* das CEBs.

A Fraternidade atende públicos que os movimentos carismáticos dificilmente atingem (comunidades periféricas e pessoas marginalizadas) e realiza trabalhos de caridade que estão mais afins às linhas dentro da Teologia da Libertação, como a pastoral de rua e a pastoral carcerária. Porém, o ethos e a visão de mundo estão inseridos dentro de uma lógica dos movimentos carismáticos, onde o fim não é a solução dos problemas estruturais da sociedade, mas uma transformação individual no seio da moral ética católica. Além desta dicotomia dentro dos ideais de transformação para com o mundo a partir do indivíduo, a Fraternidade se encontra mais alinhada com os movimentos carismáticos na esfera de posicionamento político neutral, diferente das CEBs, que preferem um posicionamento de denúncia aos problemas sociais. É interessante mencionar que, por exemplo, um caso específico onde esta neutralidade foi deixada de lado foi quando as irmãs da Fraternidade em Foz do Iguaçu, realizaram uma novena de oração contra a proposta de lei de descriminalização da interrupção voluntária da gravidez, em setembro de 2023.

Quero tecer aqui novamente um comentário sobre a sensação de frustração que observei entre as religiosas quando mencionaram as dificuldades de estabelecer relações mais profundas com os Filhos Prediletos, já que se conecta com a discussão levantada no parágrafo anterior. Ao meu ver, este incômodo se alimenta porque é criada uma expectativa dentro dos serviços ofertados, há uma vontade de trazer os filhos atendidos para *dentro* da comunidade, especialmente aqueles que estejam inseridos dentro de diferentes situações de dependência química. Sendo assim, as religiosas seguem a lógica de que aproximando essas pessoas à comunidade, mostrando “O Caminho”, se faz possível entregar as ferramentas necessárias para que elas realizem a transformação na vida de cada pessoa (por exemplo, acompanhando os serviços do Sede Sóbrios ou entrando numa das chácaras de reabilitação). Se há então uma

dificuldade em estabelecer este primeiro vínculo, o processo não acontece e há uma expectativa frustrada: se os Filhos Prediletos não adentram a casa, não há um contato duradouro, a caminhada (individual) em direção à redenção e transformação nunca começa. A ovelha continua separada do aprisco.

Se bem que não tive a oportunidade de etnografar diretamente as ações dentro do Sede Sóbrios e o trabalho das chácaras de reabilitação que a Fraternidade possui em Foz do Iguaçu, encontrei uma pesquisa realizada pela Alessandra dos Reis de Souza¹³ focada numa outra iniciativa da instituição: o projeto *Aprisco*, com sede na cidade de Campo Mourão, no interior do estado do Paraná. O público atingido pelo projeto em questão é completamente diferente do coletivo dos Filhos Prediletos que tenho comentado até este momento, mas é interessante mencioná-lo, já que traz outros pontos importantes de serem discutidos em relação a diferentes dinâmicas de atendimento dentro dos trabalhos de caridade da Fraternidade como instituição e por também por outro público marginalizado que são as pessoas homoafetivas.

O projeto Aprisco foi fundado em 2018 pelo Padre Gilson Sobreiro (também fundador da Fraternidade O Caminho), em decorrência da morte de um jovem membro da comunidade que tirou a própria vida por causa do conflito entre o viver religioso e a sua orientação sexual (SOUZA, 2020). No momento da pesquisa realizada pela Alessandra, o projeto era formado por um pequeno núcleo de 8 pessoas, todos jovens (homens e mulheres entre 20 a 30 anos de idade) homossexuais que fazem parte da comunidade dos fiéis. O fundamento do projeto Aprisco é criar um espaço seguro e de acolhimento para estes jovens, ajudando a diminuir o preconceito existente entre os membros da Igreja em relação à homossexualidade (muitas vezes relacionada a uma noção de *comportamento sexual desviado* ou promiscuidade) ao mesmo tempo em que estabelece as bases segundo as quais pode ser possível viver a sexualidade de cada um de uma forma aceitável dentro do dogma religioso. Segundo as palavras da pesquisadora

Ainda de acordo com Padre Gilson, o Projeto pressupõe que o diálogo entre os homossexuais e a Igreja não precisa ser fundamentado no axioma do pecado e da condenação, e tem como objetivo evitar que essas pessoas atentem contra suas vidas por serem homossexuais, além de desassociar a identidade de homossexual apenas a experiências sexuais – isto é, a abordagem considera o sujeito em sua integralidade. (SOUZA, 2021, p. 94)

¹³ A dissertação “*A Boa Nova também é para mim*”: novos sentidos sobre as homossexualidades no projeto Aprisco (2020) e o artigo “*Eu vejo na minha sexualidade o motivo para viver melhor o que é ser cristão*”: Resignificação e regulação das homossexualidades no Projeto Aprisco (2021)

É interessante destacar um comentário de Souza onde a autora nota que um ponto importante dentro do projeto Aprisco é o da *discrção*. Por ser uma iniciativa que sofre uma grande resistncia por parte da comunidade de fiéis como um todo, um dos pilares principais é o de facilitar uma *forma de viver* os afetos dos diferentes casais integrantes de forma mais “aceitável” dentro de uma ideologia cristã. Sendo assim, os participantes são encorajados a não se engajar em iniciativas como o *pride* (também chamado popularmente de “parada gay” no Brasil). Uma das interlocutoras, prefere não expressar afeto físico abertamente de forma pública (beijos, abraços, chegar na igreja de mãos dadas) ou outras demonstrações que possam ser mais “incômodas” para outros membros da Fraternidade (SOUZA, 2020). No entanto, a autora cita o filósofo Michael Foucault no seu livro *Vigiar e Punir* no momento em que problematiza as diferentes formas de *controle* tanto do corpo quanto dos desejos/afetos dos interlocutores membros do Projeto Aprisco

No que tange às sexualidades diante do poder pastoral, podemos dizer que este desempenha um papel de controle, que garante a subsistncia do grupo. Assim, esse espaço, que é ao mesmo tempo de assistncia, proteçao e acolhimento, pode ser também um mecanismo de controle, que não visa somente disciplinarizar os corpos, mas, nesse caso, há também uma disciplinarização dos conhecimentos/doutrinas institucionais, conforme podemos notar a seguir, quando Bruno reproduz uma fala do fundador do Projeto:

“Eu – Padre Gilson – quero propor para vocs que sejam um grupo de pessoas que são homossexuais, que vivem dentro da Igreja, e são integralmente da Igreja! [...] Então eu quero que vocs vivam nos valores, todos os valores que a Igreja prega: os valores de fidelidade, companheirismo, de amor nos relacionamentos de vocs!” (Bruno. Entrevista, 2018).

Podemos interpretar todo o conjunto dessa fala como uma disciplina, ou seja, um instrumento de controle que reordena o que está fora da norma, como uma tentativa de moldar as condutas, disciplinarizar os comportamentos, formatar pensamentos e criar corpos dóceis que posteriormente se tornarão produtivos (FOUCAULT, 1999 *apud* SOUZA, 2021, p-101-102).

Neste trecho fica muito claro como é possível observar uma série de trabalhos sociais que lidam com diferentes comunidades marginalizadas e buscam provocar um diálogo dentro da instituição para depois conseguir alguma transformação mais significativa dentro da ordem social da Igreja. Porém, no caso específico do projeto Aprisco é mais nítido ainda que a estratégia do Padre é tentar evitar a polêmica e criar um grupo de pessoas que se transformem num *baluarte* da fé cristã. De certo modo, o projeto se constrói como um espaço que encoraja pessoas homoafetivas a seguirem as diretrizes do bom comportamento e a doutrina moral católica, evitando cair em estereótipos de promiscuidade recorrentes dentre os fiéis, por exemplo. Dito de outra maneira, trazendo

mais uma vez a ideia de santidade das irmãs e seguindo as reflexões sobre *sagrado* e *profano* de Durkheim, as pessoas contempladas pelo projeto Aprisco só ganham a possibilidade de serem tratadas enquanto sujeitos pela comunidade a partir do ponto em que também participem dessa vida sacralizada, seguindo essa busca de santidade e colocando em xeque os estereótipos negativos normalizados dentro da mesma. Se a comunidade (seguindo uma moral que vem da igreja como instituição) considera que essas pessoas “vivem no pecado”, o projeto tenta trazer uma alternativa do “viver do jeito respeitável” dentro desse “viver desviado”. Não questiona a moral que fere a dignidade desses indivíduos, mas reafirma ela, criando um discurso onde as pessoas precisam se radicalizar. Para serem reconhecidas e respeitadas enquanto sujeitos, precisam tornar o cotidiano delas em algo sagrado. É viver no mundo, mas não pertencer a ele.

Finalizando, foram comentadas diferentes perspectivas de *doadores* de serviços dentro da Fraternidade O Caminho, discorrendo sobre distintas *expectativas* e formas de organização que estes possuem. No seguinte tópico, o foco irá mudar para a perspectiva de algumas pessoas que participam dentro destas atividades como *donatários* ou *receptores*, com maior foco no serviço de almoço na cidade de Foz do Iguaçu e alguns relatos do Projeto Aprisco para problematizar.

5.2 DOS DONATÁRIOS

O intuito deste tópico é tentar apresentar perspectivas de alguns donatários da Fraternidade, aqueles que *recebem* as iniciativas por diferentes situações de necessidade. É muito importante marcar desde o começo que não pretendo criar uma narrativa geral ou uma visão de mundo coletiva entre eles, já que estes interlocutores são extremamente variados, tendo experiências de vida e situações sócio-econômicas muito heterogêneas. Porém, entendo que é interessante trazer algumas opiniões e “testemunhos” vindos do “outro lado da moeda” dos trabalhos realizados pela Fraternidade O Caminho para realizar uma discussão mais rica. Os dados para análise partem, novamente, da etnografia realizada durante os serviços de almoço (focadas agora em conversas com alguns Filhos e situações observadas) e em alguns pontos claves dentro da entrevista com a Irmã Superiora. Finalmente, alguns relatos dentro da pesquisa sobre o Projeto Aprisco serão trazidos no final do tópico para aprofundar algumas problematizações e trazer outras referências de relatos primários.

Iniciando com o foco voltado para a cidade de Foz do Iguaçu, os Filhos Prediletos que frequentam Fraternidade se mostram muito diversos desde diferentes perspectivas. Porém, um dos traços interessantes dentro do grupo (presente tanto dentro da entrevista da Irmã quanto nas minhas observações) é a predominância de migrantes dentro do mesmo, tanto pessoas de outros países quanto de outros estados (em menor medida). Os migrantes internacionais são provenientes de diferentes países da América Latina, principalmente do Cone Sul (Argentina, Paraguai, Chile e Uruguai) pela proximidade territorial e pessoas de diferentes países do continente africano, especialmente da Angola. É interessante notar que, na minha experiência, os migrantes africanos com os quais tive contato não eram moradores de rua, mas comerciantes informais.

Como estudar um coletivo tão variado, então? A perspectiva pela qual tenho optado segue uma tentativa de achar um “fio condutor”, mesmo que leve, entre os Filhos Prediletos para tentar entender algumas situações que eles compartilham dentro da sua diversidade. Ao meu ver, esta condição compartilhada ajuda a refletir parâmetros mínimos de bem estar social e, para discuti-la, irei utilizar o conceito de *precariedade* da filósofa estadunidense Judith Butler. Segundo a autora

[...] precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos de outro. Isso implica estarmos expostos não somente àqueles que conhecemos, mas também aqueles que não conhecemos, isto é, dependemos das pessoas que conhecemos superficialmente e das que desconhecemos totalmente. Reciprocamente, isso significa que nos são impingidas a exposição e a dependência dos outros, que em sua maioria, permanecem anônimos. (BUTLER, 2015, p. 31)

Pode-se entender a *precariedade* então como uma condição compartilhada da vida humana de dependências entre os indivíduos, na qual quanto maior a rede de suporte de um indivíduo ou um grupo, menor esta precariedade é. Sendo assim, aqueles que não possuem uma rede de apoio significativa (seja esta pessoal ou social) encontram-se numa situação de *precariedade maximizada*, como é o caso dos Filhos Prediletos e outras pessoas atendidas pela Fraternidade. O ponto em comum entre aqueles que recebem os trabalhos de atendimento ou caridade da instituição são, nesta perspectiva, pessoas que não possuem um suporte ou que não têm as condições necessárias para viver uma vida *digna*.

Outro ponto que conecta de alguma maneira aos donatários que frequentam a Fraternidade é um certo sentimento de *segurança* ou *intimidade* que se

desperta de uma ou outra forma em vários deles. Dentro do relato das minhas observações no segundo capítulo, marquei três situações onde diferentes filhos desabafaram sobre algumas situações e dificuldades cotidianas: questões relacionadas com dificuldades financeiras, medos em relação à moradia ou saúde, aspetos da vida cotidiana que mostram algumas das dificuldades que estas pessoas atravessam. Dentro da entrevista com a Irmã Superiora também é possível observar como ela relembra conversas e momentos parecidos com diferentes Filhos, colocando essas trocas como algo desejável, uma mostra de uma relação um pouco mais profunda ou significativa para os interlocutores. Cabe destacar que estas interações acontecem com ela tanto na cidade de Foz do Iguaçu quanto em Teresina (PI), onde a irmã mantém contato com alguns Filhos Prediletos atendidos por ela no passado. Ela menciona que ainda a procuram cada vez que vai de visita, alguns deles mantém um contato constante e quando algum deles vem a falecer ou perde o contato, é uma falta que ela sente profundamente.

É interessante comentar que, neste aspecto, as religiosas e voluntárias da instituição providenciam um *espaço seguro* para estas conversas e, de certa forma, trazem alguma forma de conforto ou possibilidade de ajuda para apaziguar (mesmo que momentaneamente) estas dores. Em parte, uma das forças que motiva estas ações é o viver parte do carisma próprio da Fraternidade, tentando enxergar a face de Deus naqueles que precisam de ajuda (como já foi comentado) e é neste processo de tentar ver esse Deus escondido que irei trazer mais um conceito que se encaixa, a ideia de *rostos* levantada por Levinas. O *rostos* é um conceito bastante complexo, pelo qual irei apresentar uma noção básica dele exemplificada pelo autor para depois aprofundar na definição utilizando algumas reflexões de Judith Butler¹⁴, pensando em como este *rostos* se constrói dentro de diferentes relações sociais de *reconhecimento* e *enquadramento*. Segundo o autor

A história das famílias, esposas e pais de detentos políticos viajando para Lubianka, em Moscou, para as últimas notícias. Uma linha se forma frente a um guichê, uma linha na qual apenas se pode ver as costas do outro. Uma mulher espera por sua vez: [Ela] nunca imaginou que as costas humanas poderiam ser tão expressivas e que poderiam exprimir estados mentais de forma tão penetrante. À medida que se aproximavam do guichê, as pessoas tinham uma maneira peculiar de estender a cabeça e as costas, seus ombros levantados com as omoplatas movendo -se para cima e para baixo em tensão, os quais pareciam chorar, soluçar e gritar. (LEVINAS, apud BUTLER, 2011, p 18)

¹⁴ Os livros fontes da Judith Butler é “Vida Precária”(2011) e “Quadros de Guerra: Quando uma vida é passível de luto?”(BUTLER, 2015)

Percebe-se neste exemplo, Levinas interpreta o *rostto* como uma figura *metalinguística* e não literal: a interpretação do rosto, aquilo que nos chama a atenção e nos faz notar ele, não é uma palavra concreta e nem sequer um gesto numa face: é uma expressão de dor (ou alguma outra emoção) tão clara na linguagem corporal do outro que nos interpela que é impossível ignorá-la. Mesmo não sendo um discurso organizado em palavras, é uma mensagem que consegue transcender até o corpo mesmo, o rosto é uma força que se comunica de maneira profunda com códigos inerentes a nós como seres sociais. Pode ser também um recorte de uma paisagem, então esse rosto não precisa ser humano.

Tendo estabelecido a noção básica do conceito, parto para a utilização do mesmo que a Butler realiza, articulando a ideia de *rostto* para explicar a noção de *demanda moral* e reconhecimento. A autora coloca que a

“[...] estrutura do discurso é importante para a compreensão de como a autoridade moral é introduzida e sustentada se concordarmos com o fato de que o discurso está presente não apenas quando nos reportamos ao Outro, mas que, de alguma forma, passamos a existir no momento em que o discurso nos alcança, e que algo de nossa existência se prova precária quando esse discurso falha em nos convencer.” (BUTLER, 2011, p. 15).

Sendo assim, o *rostto* pensado como um discurso que existe para nos interpelar pode ser bem ou mal sucedido neste aspecto: se um rosto nos interpela, a comunicação acontece, o discurso nos alcança e há uma resposta; já no caso nos quais um rosto é ignorado ou não alcança outrem, a existência da pessoa se *precariza*, não há interpelação nem reconhecimento do indivíduo por parte do restante da sociedade. Aquelas realidades ou pessoas que não são reconhecidas, ignoradas, tem sua precariedade maximizada e não despertam uma resposta de *demanda moral*, que pode ser entendida como uma necessidade de cuidado. Uma vida não reconhecida é, como Butler coloca, uma vida que não é passível de luto (BUTLER, 2015). A autora retoma toda a discussão realizada sobre o conceito de rosto do Levinas em *Vida Precária* para realizar outras reflexões em *Quadros de Guerra*, circundando um debate sobre o processo de reconhecimento e enquadramento social.

Para Butler, dentro desta dinâmica em relação à vida de diferentes agentes sociais acontecem três grandes processos: *apreensão*, *reconhecimento* e *enquadramento*. A apreensão é, de forma breve, o exercício pelo qual reconhecemos uma vida como tal, compreendemos que um ser é *vivo*; pode parecer uma obviedade, mas é

importante lembrar que há normas sociais que moldam aquilo que é ou não assimilado como vida, o que leva a apreensão (ou a falta dela) de uma vida a ser uma expressão de alguma moralidade ou pacto social. Já no referente ao *reconhecimento*, é um processo no qual conseguimos ver as *condições de reconhecimento* presentes em alguma vida apreendida. Sendo assim, uma vida que é reconhecida como tal possui diferentes condições específicas que determinam de alguma forma o *como* iremos ser interpelados (ou não) por ela. Se o processo de apreensão é o fato de reconhecer um ser vivo enquanto vida, o processo de reconhecimento é a forma na qual as condições constroem corpos passíveis de empatia.

Finalmente, o *enquadramento* se refere ao *lugar social* que as vidas apreendidas e reconhecidas ocupam. Dependendo de fatores sociais, morais, legislativos e de outras índoles, diferentes pessoas são colocadas em categorias específicas (muitas vezes moralmente básicas e determinantes como “bom” ou “mal”) e organizadas dentro do contexto social. Butler utiliza a imagem de uma fotografia ou um quadro para ilustrar esta ideia, onde há elementos que ficam organizados numa posição central, outros na periferia da imagem e, inclusive, elementos que nem sequer entram no recorte, ficando para fora do marco. Este exemplo literal de *enquadramento* pode ser utilizado de forma metafórica dentro da discussão de organização social de diferentes categorias de vida: aquelas nos centros, aquelas nas periferias e aquelas que ficam de fora, existindo numa realidade ignorada, que não cabe na imagem sendo exposta. Aquelas que não existem, como não são assimiladas enquanto vidas que importam, a sua destruição pode ser permitida ou até mesmo desejada.

Tomando todos estes conceitos mencionados, interpreto que uma das pedras angulares do trabalho da Fraternidade é o trabalho de *reconhecimento* daqueles que existem às margens da sociedade, que não possuem normalmente um espaço onde expressar as dores deles ou procurar ajuda. Entendo que no relato das religiosas e voluntárias observa-se uma vontade de reconhecer aqueles que são ignorados e, talvez, até um desejo de re-enquadrá-los, de tirá-los de certas posições ou realidades que maximizam a precariedade deles e tentar devolver ou providenciar condições mínimas de reconhecimento e dignidade de vida.

No tópico anterior fiz uma menção ao Projeto Aprisco e pretendo trazê-lo de novo para discorrer sobre algumas impressões de donatários do mesmo em relação a diferentes processos. No caso, Souza coloca a Marcela, uma interlocutora que teve várias experiências ruins dentro de diferentes comunidades cristãs por conta da sua

sexualidade. Porém, ela relata o estranhamento que sentiu quando conheceu o Padre fundador da Fraternidade, que a tratou com normalidade e não mostrou atitudes negativas ou preconceitos direcionados ao relacionamento homoafetivo dela.

“Essa normalidade dele – Padre Gilson – foi assustando, porque ele olhava pra gente como um casal normal, ele conversava com a gente como um casal normal [...]. E eu ficava com medo, porque eu queria essa aceitação, mas eu acho que naquele momento eu não estava pronta para aceitação” (SOUZA, 2021, p.98).

O Projeto Aprisco nasceu então com o intuito de acolher e inserir jovens em relações homoafetivas que se sentissem excluídos ou que sofressem algum tipo de preconceito dentro das comunidades cristãs. A atitude do Padre Gilson mencionada na citação e em alguns outros momentos da investigação se coloca como uma demonstração desta vontade. Por assim dizer, esta colocação de acolhimento pode ser vista como uma outra forma de reconhecimento e de tentativa de re-enquadramento de um grupo marginalizado, mesmo contando com a resistência de algumas parcelas entre os fiéis. É importante destacar também que, se bem há uma crítica válida a ser tecida em relação ao projeto no quesito de controle de corpos e desejos (assim como Souza o faz na sua pesquisa), a iniciativa não tem em nenhum momento a vontade de funcionar como uma “cura para da homossexualidade” para estes jovens.

Partindo deste relato e somando ele à entrevista com a Irmã Superiora e conversas com outras religiosas, freis, membros da equipe e diferentes donatários que frequentam os serviços da Fraternidade. É possível perceber alguns elementos que podem impactar diferentes formas de perceber certos grupos marginalizados que estão, de uma forma ou outra, naturalizados dentro das comunidades religiosas e da sociedade como um todo. Iniciativas como o Projeto Aprisco tentam, de certa maneira, desconstruir alguns estereótipos sociais sobre pessoas homoafetivas, especialmente aqueles radicalizados em diferentes baluartes da moralidade cristã; já serviços como o oferecimento de almoço, as iniciativas de acolhida para dependentes químicos ou os grupos de manutenção da sobriedade se colocam como espaços seguros para paliar certas carências, reconhecendo dores e dificuldades e atendendo uma demanda moral que nem sempre é respondida.

Como reflexão final, gostaria de levantar que mesmo contando com diferentes interlocutores que destacam a importância do trabalho da comunidade, se faz necessário notar que estas iniciativas são soluções individuais dentro da esfera do micro e não trazem consigo transformações estruturais que possam mudar de forma

substancial. Se bem há uma importância muito grande nestes trabalhos, tanto desde a opinião de religiosas e voluntários quanto de diferentes donatários, os trabalhos de acolhida e caridade da Fraternidade não deixam de se organizar dentro de processos intrinsecamente individuais.

Os atendidos são reconhecidos, sim e há também uma tentativa de re-enquadramento, mas esta só existe no sentido de “não cair em certos estereótipos” ou, dito de outra maneira, reconstruir algumas pessoas de uma forma na qual não sejam reconhecidas como pessoas desconfortáveis dentro dos padrões normativos sociais. Isso é mais forte no que tange o Projeto Aprisco, já com os Filhos prediletos de Foz do Iguaçu, à uma preocupação em atender o mínimo de necessidade básica que esse público não tem. Mas de novo, a solução para os dependentes químicos é a recuperação da sobriedade de forma individual e não na transformação para soluções estruturais para os problemas da dependência química. Claro que uma instituição religiosa não tem o poder necessário para exercer essa mudança, mas é a partir das denúncias e a consciência da importância do debate que mobilizam tais soluções. Para encerrar a reflexão, gostaria de colocar a seguinte citação do Prandi, onde este exemplifica um processo ideológico partindo desde a visão de mundo dos movimentos carismáticos que se encaixa com a Fraternidade O Caminho

O autor, entretanto, não se limita a demonstrar a renovação conservadora do catolicismo carismático somente a partir da inexistente ação política de seus membros. O faz, igualmente, chamando a nossa atenção para a visão reacionária a respeito de direitos reprodutivos e moralidade sexual e familiar que está em jogo neste modo de ser católico. Sua argumentação é peremptória, e não é menos sua tese: “A RCC propõe não uma inovação, mas um retrocesso, tanto no campo da intimidade como na esfera da vida pública”. (NETO, 1998, p. 252, *apud* PRANDI, 1997, p.135)

Retomando reflexões sobre a tese do Weber no primeiro capítulo e a vinculação da mesma com a RCC realizada no segundo capítulo, entendo que a visão de moral e transformação individual dentro da Fraternidade segue uma lógica que se encaixa na ética capitalista. Mesmo entendendo que as problemáticas que colocam as pessoas em situações de precariedade, dependência ou uma vida marcada pelo preconceito surgem de problemas estruturais, as “soluções” propostas seguem a lógica típica do capitalismo, um caminho de transformação meritocrática e individual. Entendo então que esta crítica que realizo, não como detrimento ou julgamento moral, mas como análise, pode ser vinculada com as reflexões do Marx (mencionadas também no primeiro

capítulo). Neste sentido, a Fraternidade O Caminho, assim como qualquer outro coletivo religioso, não é um grupo isolado da sociedade na qual vivemos. Na verdade, entendo que as problemáticas e contradições dentro da fraternita são, em grande parte, um reflexo claro e cruel das desigualdades dentro da cidade de Foz de Iguaçu, da tríplice fronteira e no sentido mais amplo da sociedade. Mais uma vez, os desafios que se enfrentam na hora de atender aqueles que estão mais vulneráveis tornam-se ainda maiores quando entendemos que são um fruto direto de desigualdades estruturais enraizadas dentro da nossa sociedade. No fim das contas, a Fraternidade aponta criticamente para a realidade material na qual está inserida, mesmo dentro das suas próprias limitações, sejam elas práticas ou ideológicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciar o encerramento da presente investigação, considero necessário revisitar a pergunta principal da pesquisa e os três capítulos desenvolvidos na mesma. Em relação ao questionamento base, o intuito deste trabalho de investigação era realizar uma reflexão geral sobre o trabalho da Fraternidade O Caminho, em especial pensando nas expectativas dos doadores e nas percepções dos donatários. Sendo assim, considero que o decorrer da investigação se mostrou bem alinhada com este questionamento, situando a Fraternidade como instituição dentro da cidade de Foz do Iguaçu, descrevendo várias das iniciativas realizadas e procurando ilustrar perspectivas de diferentes donatários de alguns trabalhos.

O primeiro capítulo teve como intuito situar a temática da religião trabalhada na sociologia e na antropologia a partir dos clássicos, pois a partir desses autores, é possível identificar como surgiram determinadas categorias, conceitos e teorias que seriam caras para ambas as ciências posteriormente. Outro ponto interessante para retomar do primeiro capítulo, é que realizei uma reflexão a partir das obras e da formação de alguns autores, para nortear aquilo que vou entender como interdisciplinaridade, queria seria a capacidade nossa enquanto pesquisadores, de proporcionar diálogos e intersecções com as mais diversas áreas do conhecimento, a fim de enriquecer nossas produções.

O segundo capítulo teve um foco voltado para contextualizar a Fraternità Santos Anjos dentro do contexto histórico da instituição e da própria cidade de Foz do Iguaçu, tentando trazer a tona pontos importantes da “identidade espiritual” da mesma, explicando e discorrendo sobre aspectos como carisma e dogmas principais. Muitos dos dados deste capítulo foram textos e cartas públicas da própria Fraternidade em seu site, buscando o discurso institucional sobre si mesma. Por conta disto, as bases teóricas desta primeira parte da minha investigação se encontram dentro das linhas da teologia e historiografia. Finalizando esta seção, a discussão trouxe à tona a discrepância ideológica que observou dentro da Fraternidade, já que esta nasce de uma iniciativa afim a certos elementos das Comunidades Eclesiásticas de Base (CEBs), mas constrói um cotidiano e uma vivência prática que tem muito mais a ver com outras instituições que fazem parte da Renovação Carismática Cristã (RCC).

Já no terceiro capítulo, a minha intenção inicial foi tratar sobre a perspectiva da Fraternidade em Foz, apresentando a realidade e as dinâmicas da instituição dentro do contexto da cidade, pelo qual trouxe a análise de certos dados etnográficos: um relato das diferentes observações participantes realizadas durante o serviço do almoço e a exposição de uma entrevista que mantive com a Irmã Superiora. A ideia era ter mais dados de outros trabalhos realizados pela instituição, mas acabou que com desenrolar etnográfico obtive apenas informações sobre o almoço. Mas, mesmo sendo apenas um serviço e um relato de entrevista, foram dados suficientes para dedicar um capítulo inteiro a eles. Expus sobre o preparo e a realização do almoço, os detalhes da entrega dos alimentos e tentar identificar alguns perfis que o público das pessoas atendidas têm.

No quarto capítulo é onde realizei a discussão dos dados apresentados no segundo, contrastando-os com teoria de diferentes áreas de estudos sociais para tentar responder a inquietação da pesquisa. Foram apresentadas diferentes categorias de expectativas dentro dos trabalhos realizados: por um lado as expectativas de cunho religioso/espiritual e por outro as expectativas de ordem prática/social. Dentro deste processo, a minha conclusão mais geral foi que a base principal dos trabalhos realizados pela Fraternidade gira em torno de tentar providenciar certas condições de reconhecimento e um enquadramento mais favorável para pessoas que vivem em parcelas sociais comumente excluídas. Porém, este processo não deixa de se desenvolver de forma individual e micro, não tendo a capacidade de realizar mudanças sociais estruturais que possam garantir a estes donatários uma estabilidade social ou um enquadramento positivo de forma definitiva.

Finalmente, acredito que esta linha de pesquisa tem ainda muito a oferecer, apresentando várias oportunidades robustas para futuras pesquisas. Por citar alguns exemplos, seria do meu interesse realizar alguma investigação seguindo algumas das linhas de Souza no seu trabalho com o Projeto Aprisco, mas numa pesquisa voltada a analisar os trabalhos realizados dentro das chácaras de reabilitação. Poderia, também, tentar expandir de forma mais profunda a etnografia voltada aos filhos prediletos, tentando coletar entrevistas mais extensas ou relatos de vida mais detalhados num processo mais longo no quesito de temporalidade.

REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Rezar o “Creio” é uma forma de nos encontrar com Jesus Cristo.** Disponível em: <https://arquisp.org.br/regiao/apa/vigario-episcopal/artigos/rezar-o-creio-e-uma-forma-de-nos-encontrar-com-jesus-cristo#:~:text=A%20ora%C3%A7%C3%A3o%20do%20%E2%80%9Ccreio%E2%80%9D%20%C3%A9%20uma%20composi%C3%A7%C3%A3o%20que%20sintetiza%20de%20o%20Evangelho%20de%20Jesus%20Cristo.> Acesso em: 15 de Set de 2024.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?**. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Vida Precária. Contemporânea**, São Carlos - SP, ISSN: 2236-532X, n. 1 p. 13-33 Jan.–Jun. 2011

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**; Introdução, organização e seleção: Sergio Miceli. - 7. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2011.

CHARLES, Carlos Roberto de Oliveira; FERREIRA JÚNIOR, Gabriel Arcanjo. Dons Carismáticos: Igreja sempre a serviço. **Revista Rhema**, v. 19, n. 58, p. 26-39, jul./dez. 2021

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. Em: Os Pensadores. Tradução de José Arthur Giannotti. 2.ed. São Paulo : Abril Cultural, 1983.

COSTA, Alex Silva. A Fundação da Ordem dos Frades Menores no Séc.XIII: a ordem mendicante de São Francisco de Assis e suas influências na Idade Média Central, a escolha por São Boaventura. **Revista Anagrama**: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 5, Edição 1, p. 1-25. Setembro-Novembro. 2011.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**; tradução Paulo Neves. - São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**; tradução: Paulo Neves ; revisão da tradução: Eduardo Brandão. - 3. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**; tradução Eduardo Brandão. - 4. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado: Trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan**; Tradução de Leandro Konder. - Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1974.

EVANS - PRISTCHARD, E.E. **Antropologia Social da Religião**; Tradução Jorge Wandrey. Rio de Janeiro, Campus, 1978

FRATERNIDADE O CAMINHO. Draw my life - Fraternidade O Caminho.Youtube, 5 de Abril de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Wib-SCZzr9U&t=3s>>. Acesso em: 21 de out. 2023.
WEBSÉRIE - Fraternidade O Caminho 20 anos - EP.01. Youtube, 19 de Outubro de 2021. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=WsWylJp6wgA>>. Acesso em: 15 de Set de 2024

FRATERNIDADE O CAMINHO. **O caminho**, 2023. Fundadores. Disponível em: <<https://www.ocaminho.org/nossos-fundadores>>. Acesso em: 21 de out. 2023.
História e Carisma. Disponível em: <<https://www.ocaminho.org/nossa-historia-nosso-carisma>>. Acesso em: 21 de out. 2023.
Quem somos. Disponível em: <<https://www.ocaminho.org/quem-somos-1>>. Acesso em: 15 de Set de 2024.

FREI JOÃO. Entrevista concedida a Gianluca Puls. Foz do Iguaçu, 17 de Outubro. 2019.

FRAZER, James George. **O ramo de ouro**; Tradução Waltensil, Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: LTC, 2008. 213 p.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, ciência e religião e outros ensaios**; Tradução Levindo Pereira. Petrópolis: Vozes, 2022

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas**. Tradução de Paulo Neves. 1ª edição Cosac Naify Portátil, São Paulo: Cosac Naify, 2013

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia** ; tradução: Paulo Neves. - São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MARIANO, Ricardo. Renovação Carismática Católica: Movimento Mágico, Moralista e Proselitista. **Revista Plural**, v. 5, 1 semana, p. 196-200. 1998

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**; Tradução Rubens Enderle Leonardo de Deus, São Paulo: Boitempo, 2005

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural: Iniciação, teoria e temas** - 18. ed. - Petrópolis: Vozes, 2011.

MORGAN, Lewis Henry. **A sociedade antiga**. Rio de Janeiro: Expresso Zahar, 2014

MORGAN, Lewis Henry. **Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

NETO, Edgar Rodrigues Barbosa. (Resenha) Prandi, Reginaldo: Um sopro do espírito, a renovação conservadora do catolicismo carismático. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 251-253, jun. 1998

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014

PNEUMATOLOGÍA. Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pneumatologia/>>. Acesso em: 15 de Set de 2024.

PULS, Gianluca. **Os loucos de marrom e os filhos prediletos: um estudo sobre dádiva, caridade e reconhecimento**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana. Orientador: Prof. Dr. Waldemir Rosa. Foz do Iguaçu, 2021.

ROSA, A. L. da. Pentecostalismo católico: Histórico e espiritualidade. **Revista Unitas**, v. 5, n. 1, p. 13-29. 2017.

REIS, A. dos; PÁTARO, C. S. de O.; MEZZOMO, F. A. “Eu vejo na minha sexualidade o motivo para viver melhor o que é ser cristão”: Resignificação e regulação das homossexualidades no Projeto Aprisco. **Tempo da Ciência**, [S. l.], v. 28, n. 55, p. 88–108, 2021. DOI: 10.48075/rtc.v28i55.28031. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/28031>. Acesso em: 5 dez. 2024.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**, SP: Editora Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Alessandra dos Reis. “**A boa nova também é para mim**”: **novos sentidos sobre as homossexualidades no Projeto Aprisco**. 136 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento) – Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão, Campo Mourão, PR, 2020.

Simmel, Georg. **La religión**; Traducción de Laura Carugati. - Buenos Aires: Gedisa, 2012.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture Volume I**. Nova York: Dover Publications, 2016

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**; tradução José Marcos Mariani de Macedo ; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário,

correspondência vocabular e índice remissivo Antônio Flávio Pierucci. - São Paulo: Companhia das letras, 2004.

WEBER, Max. **Ética econômica das religiões mundiais: ensaios comparados de sociologia da religião - volume 1 Confucionismo e taoismo**; prefácio à edição brasileira de Gabriel Cohn ; tradução Antonio Luz Costa, Gilberto Calcagnotto ; revisão da tradução Antonio Flavio Pierucci e Gabriel Cohn. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

WEBER, Max. **Economia e sociedade I: Fundamentos da sociologia compreensiva: Volume 1**; tradução Regis Barbosa, Karen Elsabe Barbosa ; rev. técnica Gabriel Cohn. - 4. ed. - Brasília: Ed.UNB, 2000.